

ILUSTRAÇÃO

NÚMERO

3.º ANO

51

PREÇO 4\$00

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1928

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM
E EXPANSÃO

VERAMON



BIRNBACH



**Se sofre de dôres
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sono, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39



DODGE BROTHERS
Senior Line

QUALIDADE POR
PREÇO MODERADO



A qualidade é a principal característica na construção e equipamento do Senior (6 cil).

Na robustez do chassis e eixos e na segurança da direcção está a prova evidente da qualidade do material que caracteriza todos os modelos Dodge Brothers.

Toda a carroserie é almofadada com feltro, tornando-a por completo silenciosa — conforto que até hoje era considerado unicamente pelos construtores de carroseries de luxo.

No motor — os sistemas de arrefecimento, lubrificação, travões, etc. — são outras tantas características que fazem deste carro o melhor de entre todos os da sua classe e preço.

REPRESENTANTES
BERNARDINO CORRÊA & Cia.
(SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS)
LISBOA — PORTO — AFRICA

Diccionario
Prático
Illustrado

Diccionario Prático Illustrado



Tamanho real do volume

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO
LUSO-BRASILEIRO

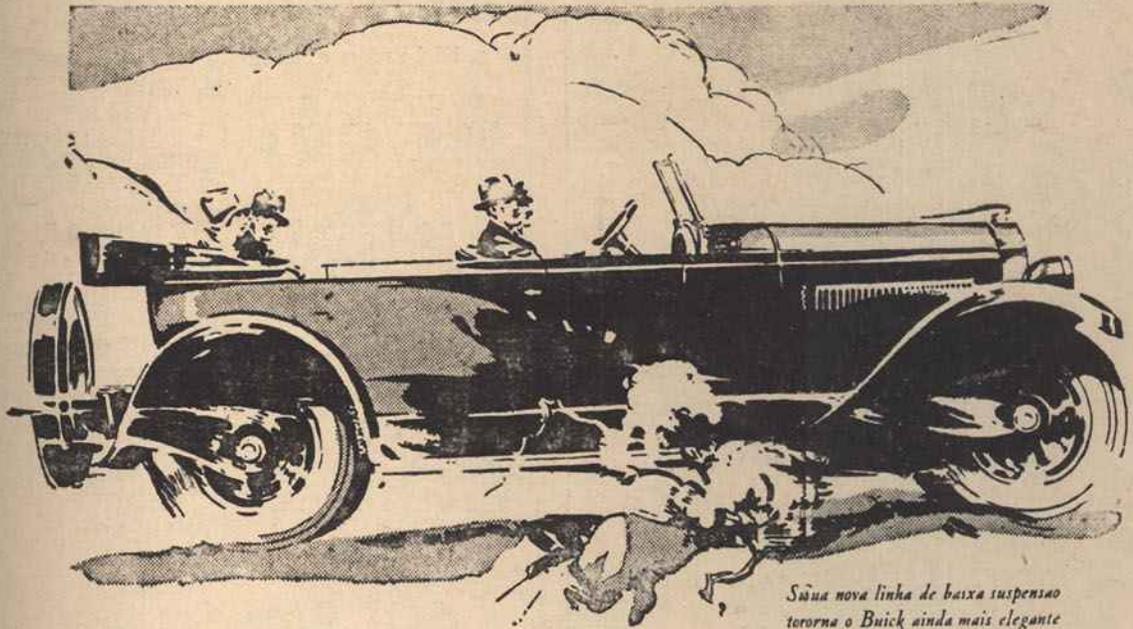
publicado sob a direcção de JAIME DE SEGUIER
(Segunda edição revista)

LIVRARIA CHARDRON de Lelo & Irmão, Limitada — Editores
111 — Rua das Carmcellas — PORTO

DEPOSITÁRIOS EM LISBOA:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND — R. Anchieta, 25

Língua portuguesa, Artes, Letras, Ciências, Sinónimos, Termos brasileiros, Locuções latinas e estrangeiras. Mais de vinte mil artigos de História, Biografia, Geografia, (particularmente de Portugal e Brasil). — Notícias bibliográficas relativas às obras capitais de todas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira. — Mitologia, Monografias de obras de arte famosas. — 6.000 gravuras distribuídas no texto, 110 quadros enciclopédicos, 1.000 retratos de individualidades célebres, 90 mapas geográficos, 8 mapas a cores, etc. — Preço do volume encadernado, 40\$00. Pelo correio, registado, mais 1\$50.



Sua nova linha de baixa suspensão torna o Buick ainda mais elegante

O Buick no seu novo modelo 1928

Vê aumentada a sua reconhecida popularidade

A grande popularidade adquirida pelo Buick, devida ao seu perfeito funcionamento durante muito tempo, alarga-se hoje com o aparecimento do seu novo modelo 1928.

O novo Buick, além de possuir todas as boas qualidades dos seus antecessores, foi dotado de tantos aperfeiçoamentos, que fica muito superior aos mais carros da sua classe.

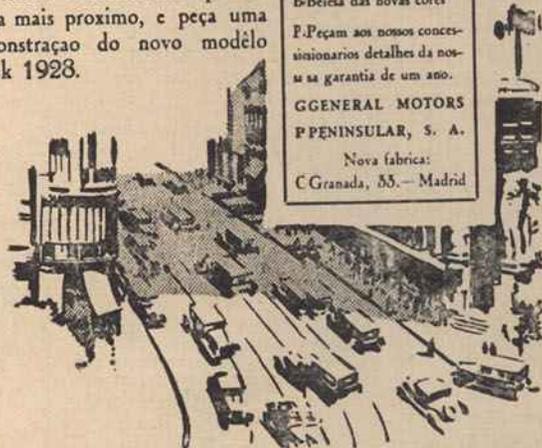
Seu chassis, mais baixo, dá ao Buick um aspecto mais amplo e elegante, que, junto ás suas novas e belas cores, fazem que chame a atenção de todos quantos o vêm. Repare-se no luxo detalhado do

seu interior, assim como no seu acabamento perfeito.

Visite o concessionario que lhe esteja mais proximo, e peça uma demonstração do novo modelo Buick 1928.

C CARACTERISTICAS DO BUICK 1928

- MMais rapido.
- MMais baixo de linhas.
- MMaior aceleração.
- AAmortecedores hidraulicos.
- CConsumo mais reduzido.
- BBeliza das novas cores
- PPeçam aos nossos concessionarios detalhes da nossa garantia de um ano.
- GGENERAL MOTORS PENINSULAR, S. A.
- Nova fabrica:
- CC Granada, 55. - Madrid



CONCESSIONARIOS

CUNHAS & ALMEIDA, LTD.ª

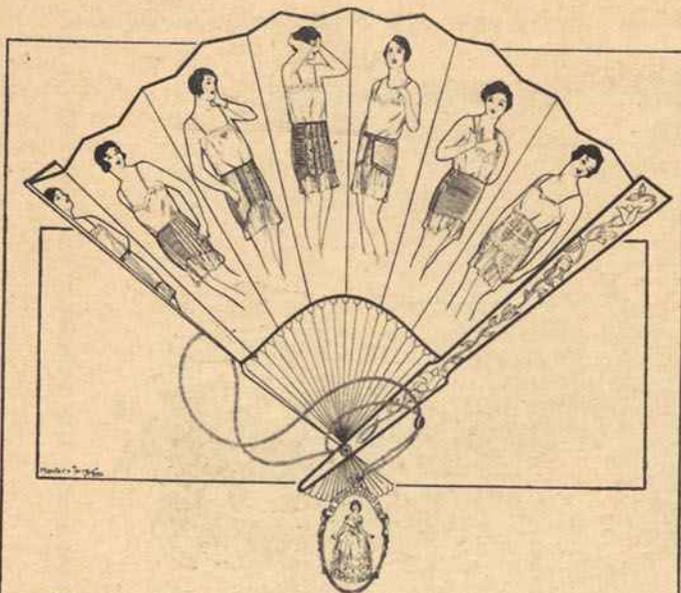
Avenida dos Aliados, 75

PORTO

I DINIZ M. DE ALMEIDA

Avenida da Liberdade, 214 a 218

LISBOA



Para a harmonia e elegancia da
linha feminina, impõe-se o uso das
cintas e espartilhos

MARCA

"POMPADOUR"

CASAS DE VENDA
LISBOA | PORTO
A. POMPADOUR | ARMAZENS de CAPELA
28, CHIADO, 30 | 70, R. das CARMELOTAS, 76

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

Sociedade Anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

VENDA DO LIXO PROVENIENTE DA LIMPEZA
DAS LINHAS DA ESTAÇÃO DE BARREIRO E DAS
VARREDURAS DOS VAGÕES DESCARREGADOS
NA MESMA ESTAÇÃO

Até ao dia 26 do corrente mês de Janeiro, pelas 13 horas, esta
Companhia receberá propostas em carta fechada, dirigidas à Direcção
Geral em Lisboa, estação de Santa Apolónia.

No envólucro das propostas, além do endereço, deverá indicar-se
o seguinte:

*«Proposta para a compra do lixo da estação de Barreiro
produzido até 31 de Dezembro de 1928»*

Os proponentes deverão estipular claramente o preço oferecido
por tonelada e terão de fazer a declaração de se conformarem com as
bases abaixo designadas. Todas as propostas que não satisficam as
condições acima indicadas e que não se conformem com as bases
referidas, serão consideradas nulas.

As bases são as seguintes:

1.ª—O lixo será amontoado onde não cause prejuizo para a
Companhia nem dificuldades para a execução do serviço da estação de
Barreiro e poderá ser levantado pelo concessionário logo que pelo
chefe da estação lhe seja determinado e depois de calculado o seu peso.

2.ª—O concessionário obriga-se a retirar por sua conta o lixo da
estação de Barreiro no prazo de 5 dias após o aviso do chefe da estação.

3.ª—Se o lixo não for retirado dentro do prazo estipulado na base
segunda, ficará vencendo armazenagem em harmonia com a respectiva
tarifa, por conta do concessionário.

4.ª—O pagamento será feito pelo concessionário na estação de
Barreiro na ocasião da saída do lixo.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1928. — O Director Geral da Companhia,
Ferreira de Mesquita.

Dôres do Estomago

alliviadas

com o

REGYL



**DIGESTÕES PENOSAS
GASTRALGIAS, DYSPESIAS**

Um comprimido depois de cada refeição.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS

Laboratoires MILLET & GUILLAUMIN, 8, Rue Richer, PARIS

DIAS, COSTA & COSTA

CASA BANCARIA

Estabelecida em 1874

76, 78, 80, 1.º, Rua Garrett

LISBOA

Telefones: C. 380, C. 2525, C. 2319

End. teleg.: «PUSHING»

P B X

CONTAS CORRENTES,
DEPÓSITOS Á ORDEM E A PRAZO
CHEQUES, TITULOS
CAMBIAIS, COUPONS, DESCONTOS
CARTAS DE CRÉDITO

SECÇÃO DE SEGUROS
SECÇÃO MARITIMA
SECÇÃO DE TRANSITO
E DE MERCADORIAS

Usamos todos os principais códigos telegráficos

ALEXANDRE HERCULANO

Acaba de aparecer a
27.ª edição de

EURICO O PRESBYTERO
Com dois apêndices

Edição das

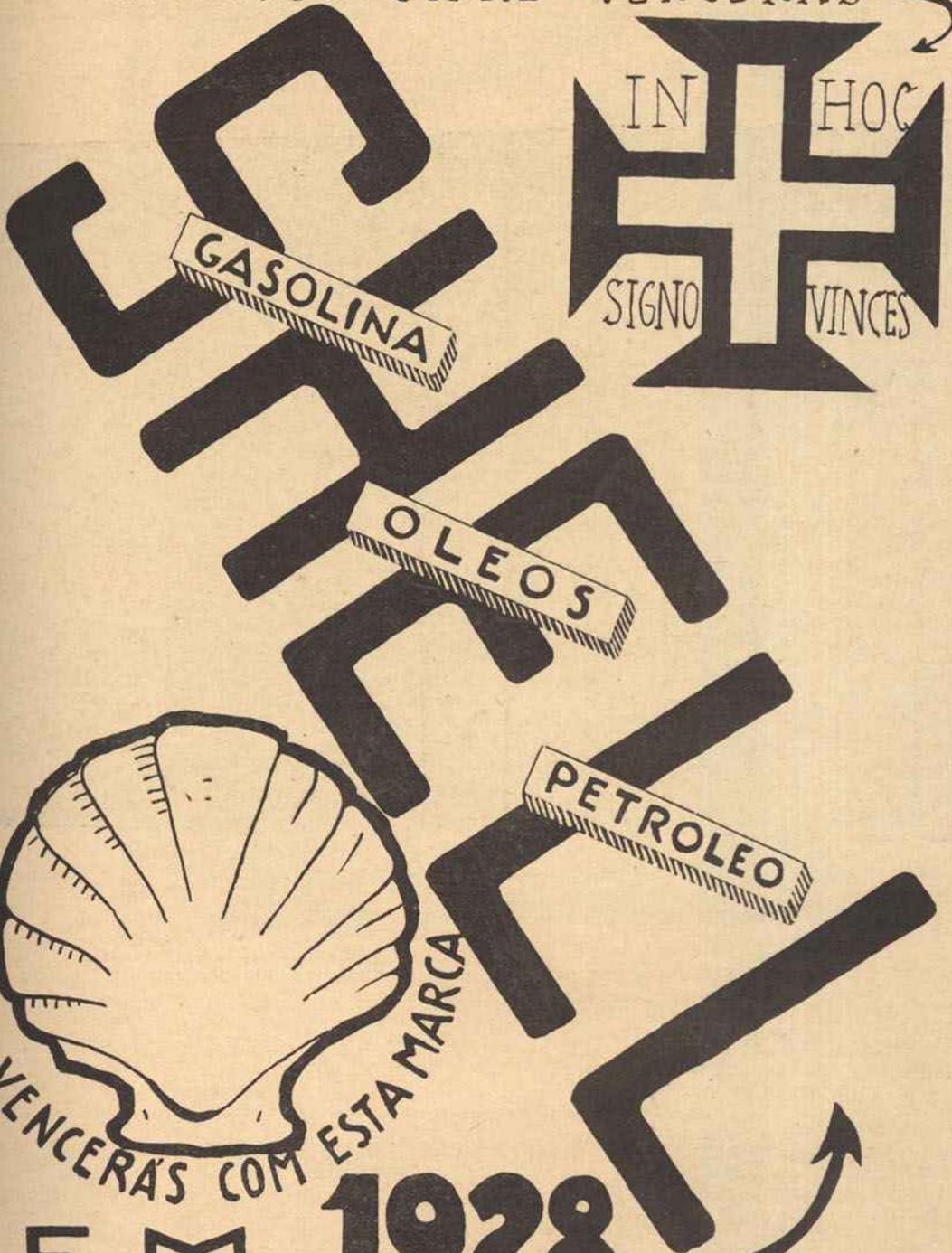
LIVRARIAS AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

EM 1498

COM ESTE SINAL VENCERAS

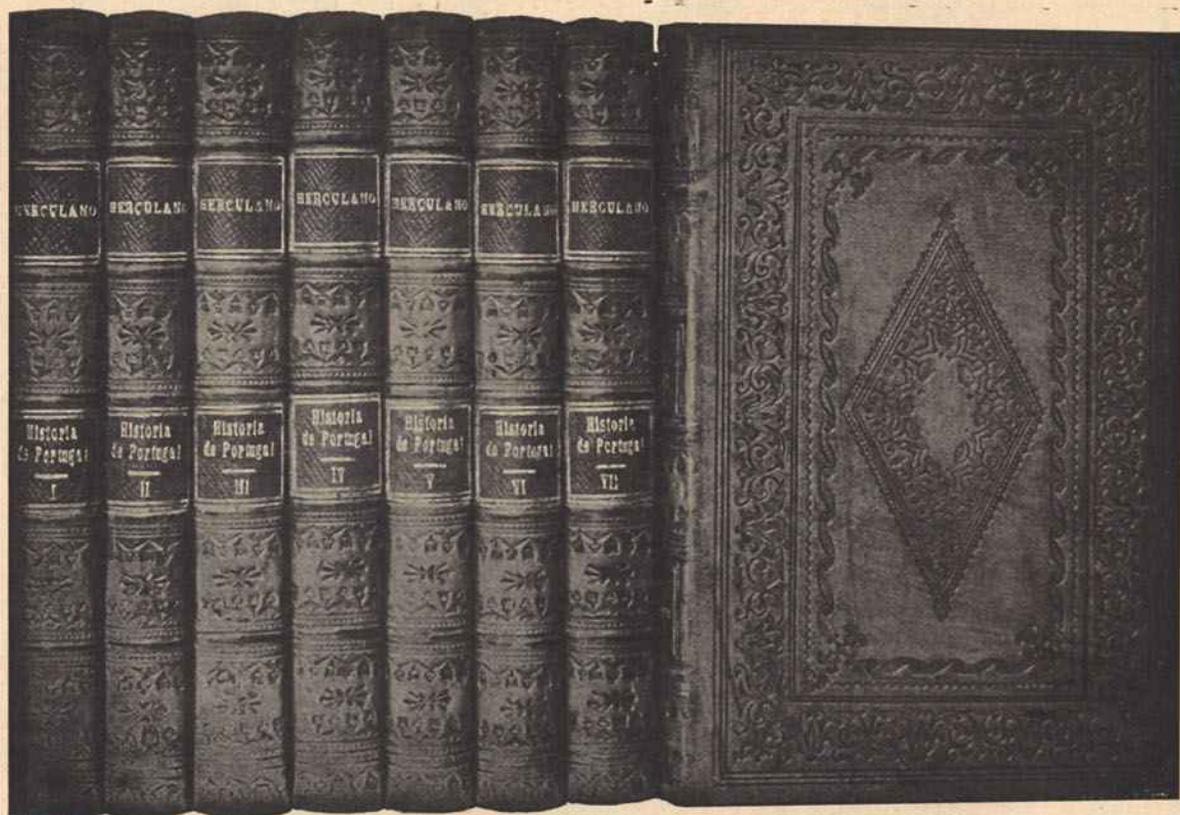


VENCERAS COM ESTA MARCA

EM 1928



HISTORIA DE PORTUGAL
 POR
ALEXANDRE HERCULANO
 EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

ACABA DE SAIR O VOLUME VIII ÚLTIMO

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

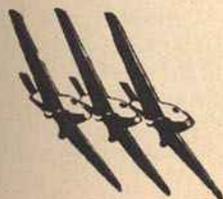
CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura Esc. 10\$00
 Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . . . Esc. 14\$00
 Idem, encadernado em carneira gravada à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado Esc. 25\$00

BRAZIL—incluindo despesas do correio:
 Brochado Esc. 12\$40
 Encadernado em percalina Esc. 16\$40
 » » carneira. Esc. 27\$40

COLÓNIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA



S. A. P.

Serviços Aéreos Portuguezes, Ltd.

AVENIDA DA LIBERDADE, 3

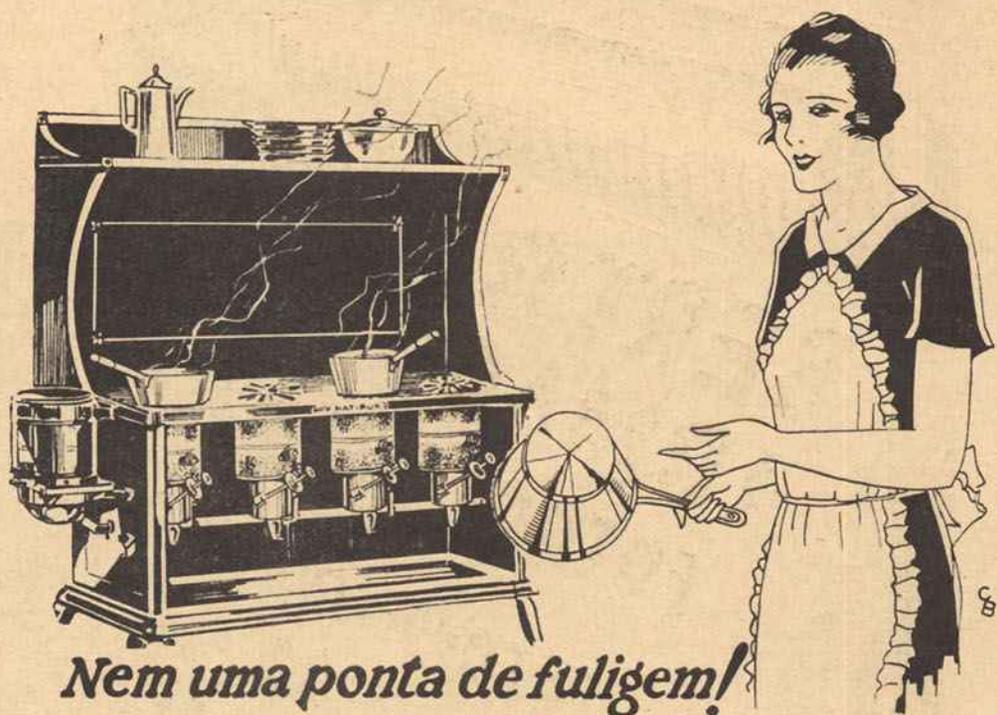
Serviço aéreo entre LISBOA-MADRID
com aviões *JUNKER'S* completamente metálicos

Para Madrid: $\left\{ \begin{array}{l} 3.ª \text{ feira} \\ 4.ª \text{ feira} \\ \text{Sábado} \end{array} \right\}$ 10,30 horas

Avião: 4 horas

Combóio: 17 horas

Para informações dirigir-se a todas as agências de vapores e de turismo bem como à sede da Companhia



Nem uma ponta de fuligem!

**FOGÃO
PURITAN**
cômodo
asseado
economico

V. Ex.^a pode adquirir hoje mesmo um Fogão Puritan. Damos-lhe um prazo de 6 meses para o pagar por completo. Venha vê-los ao nosso Salão do Rocio.

À venda na
Vacuum Oil Company
Rocio, 67 Tel. N 3075 e nas suas Agencias



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25—Lisboa

DIRETOR:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR-TÉCNICO:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

ANO 3.º — NÚMERO 51

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE FEVEREIRO DE 1928



LISBOA FOI, NA SEMANA QUE FIMDOU, UMA ALEGRE «KERMESSE» DE CÔR E BULÍCIO. OS ARTISTAS FIZERAM-SE CAIXEIROS E VENDERAM POR LOJAS E RUAS, EM PROVEITO DA SUA CAIXA DE REFORMA. CONSTANÇA NAVARRO E SATANELA VENDERAM BÓLOS E CHÁ, OS ACTORES CÓMICOS VENDERAM CAFÉ, ANTÓNIO GOMES E MARIA SAMPAIO, ARMANDO DE VASCONCELOS E ALDA DE SOUSA, SAPATOS, AUZENDA, FRIVOLIDADES, AMÉLIA PEREIRA E O JOVIAL ERICO FIZERAM PRODÍGIOS NA VENDA DE CINTAS, ESPARTILHOS E FRIVOLIDADES, NA «POMPADEUR», DO CHIADO. — (Clichés M. Novais)

CARTA ABERTA

AOS EX.^{MOS} SENHORES MINISTROS DA INSTRUÇÃO E DAS FINANÇAS

Ex.^{mos} Senhores:

Sem contumélia mas com o mais profundo respeito, respeito que V.^{as} S.^{as} merecem, não só pelas altas funções de que se acham investidos, mas também e muito principalmente, pelas qualidades morais e intellectuais que possuem, a V.^{as} S.^{as} dirijo, nestas páginas independentes, honradas e vivendo para a propaganda da nossa nacionalidade, o meu protesto mais veemente e formal contra o conteúdo do decreto n.º 14.844, tornado lei do pó e da sua publicação no órgão oficial.

Permitam-me V.^{as} Ex.^{as} que historicie um pouco o que se passa com este agr. vamento, que o referido decreto estatue, dos direitos de importação do papel destinado à impressão.

Cabe a honra a V. Ex.^a, senhor ministro da Instrução, de ter, pelo vez primeira, encarado a crise pavorosa do livro português, crise que é sinónimo de diminuição do prestígio da nossa língua e da propaganda do nosso valor internacional em todos os campos do pensamento e da actividade artística, nomeando uma comissão de altas individualidades que, de tal assunto, curassem. A comissão, presidida pelo então director da Biblioteca Nacional, apresentou o seu parecer e elle não poderia senão resumir-se nas conclusões seguintes: para debelar a crise, aumentando a expansão da língua portuguesa, sobretudo no Brasil, por intermédio do livro e da publicação, outra coisa se não pode fazer senão reduzir-lhe o custo, fornecendo-lhe bom papel e papel barato e diminuindo-lhe, ao mesmo tempo, os encargos de toda a sorte, mórmente o transporte postal.

Contra estas conclusões justas, imparciais, dignas, protestou alguém. Quem? Os representantes da indústria transformadora das matérias primas estrangeiras em papel nacional, entregando a V. Ex.^a uma representação, de tal forma tendenciosa e tão recheada de má fé, que o senhor ministro da Instrução, homem de Estado, ao ler no mesmo famoso documento a afirmação de que as liberdades de edição em papel estrangeiro iam tirar trabalho a 20.000 operários papeleiros, prometeu nomear nova comissão, presi-

didada pelo malogrado director da Imprensa Nacional, Luís Derouet, que fizesse um rigoroso inquérito à indústria do papel em Portugal. Permita-me V. Ex.^a que o diga com franqueza, há neste país uma organização que se sobrepõe aos interesses gerais. Cria V. Ex.^a, senhor ministro, que Portugal é governado, na verdade, em matéria económica, por um grupo de algumas dezenas de indivíduos que, ao amparo de compadrios, se apoderaram, a pouco e pouco, cautelosamente, de todos os organismos de consulta, de todas as comissões técnicas. Tenha V. Ex.^a o trabalho de verificar. Por toda a parte as mesmas caras sob rótulos oficiais diferentes; comissões de estudo, de inquérito, de iniciativa, consultivas ou conselheiras e, sobretudo, comissões pautais. Formam, assim, um Estado dentro de outro Estado; protegem-se mutuamente, maçónicamente. É essa rede invisível que inutiliza as boas intenções dos governantes honrados como V.^{as} Ex.^{as}, não porque se oponha corajosamente, mas porque ilude capciosamente. Assim, que faz o governo quando, cheio de boas intenções e de respeito por todos os interesses em jôgo, consulta a comissão pautal?... O governo, Ex.^{mos} Senhores, vai dar a julgar um pleito a interessados indirectamente no litígio, quanto mais não seja porque precisam favorecer hoje quem amanhã os favorecerá noutra emergência! Só assim se compreende que em Portugal se instalassem tantas falsas indústrias, sem condições de vida, parasitárias das pautas, indústrias que, como a do papel, não passam de transformadoras de matérias primas estrangeiras e se rotulam abusivamente de nacionais.

O que são em Portugal as fábricas de papel? A Companhia do Papel do Prado que, averiguadamente, ganhou fabulosas somas durante a guerra, porque tem agora um passivo de algumas dezenas de milhões de escudos? A própria administração actual não faz segredo dos esbanjamentos dos dirigentes anteriores. Quem deve pagar estes esban-

jamentos?... O livro português?... O interesse nacional?

Conheço, Ex.^{mos} Senhores, duma recente visita, a fábrica da Abelheira. Esta visita deu-me a razão da necessidade que os industriais do papel tem, da mais formidável protecção pautal de todo o mundo. As fábricas suecas, norueguesas, finlandesas e alemãs são edificadas junto de florestas, onde vão buscar as «pastas» precisas, e à beira de cursos de puríssima água, que é a água necessária ao seu fabrico. Só tem uma despesa grande a considerar. O transporte para o comprador. Se V.^{as} Ex.^{as} visitarem a Abelheira ficarão surpreendidos pelos trabalhos mirríficos de engenharia, não para fabricar papel que rivalize com o estrangeiro, mas... para obter água péssima, de poços pouco abundantes, necessitando, para ser utilizada, complicado tratamento químico. É, portanto, ali, tudo caríssimo, a começar pela água.

A sede em Lisboa tem formidáveis despesas com pessoal e, assombrem-se V.^{as} Ex.^{as}, só tem duzentos operários portugueses. É esta fábrica a maior do país! Mestres e contramestres, chefes, empregados de administração e até capitais, tudo é inglês! E quem há de pagar os juros que os capitalistas ingleses exigem?... Se o decreto 14.844 subsistisse, tal como está, quem pagaria era o pobre livro português!

De resto, Ex.^{mos} Senhores, compreendia-se uma protecção pautal à indústria papeleira portuguesa (?) se ela, há tanto tempo protegida com tanta generosidade, tivesse modificado as suas condições de produção, procurando nas nossas colónias a «pasta» que agora importa, e, ainda mais, instalando-se lá, numa grande obra de trabalho. Então, existiria indústria nacional e Portugal exportaria até papel em vez de o importar. Mas não!... É mais cómodo viver parasitariamente da pauta. Deve o livro português pagar esta abusiva indolência?...

A comissão pautal ignora, talvez, a quanto sobem os direitos do papel. Um quilo de óptimo papel que a França aplica nos seus livros escolares, custa o equivalente de

1860; pois com o novo agravamento pautal, agora decretado por conselho da referida comissão, um quilo de papel custará aos portugueses, forçados a comprar em Portugal, entre 3\$20 a 3\$30, visto que os papeleiros, após a publicação da nova pauta e à sombra dela, já aumentaram consideravelmente os seus preços. Como, nos livros de estudo, consequentemente de grandes tiragens, o papel é o factor mais importante do preço, quem poderá publicar livros a um preço tal que a maior parte dos portugueses possa aprender? E notem V.^{as} Ex.^{as}, senhores ministros, que me não refiro, propositalmente, à edição de obras literárias, necessariamente impressas (porque estamos num país civilizado) em papel *couché*, pluma, bíblia ou outros, que em Portugal se não fabricam, mas que foram sobrecarregados inoportavelmente pela pauta nova. Assim, vemos que se mata a edição de livros de estudo, que se proíbe a edição de obras literárias, algumas das quais expoentes da nossa formidável mentalidade, razão suprema da existência dum povo, para subsidiar, por assim dizer, uma pseudo-indústria que importa tudo, até a mão de obra.

A protecção pautal, agora decretada, Ex.^{as} Senhores, é de tal forma elevada, que resulta os direitos serem superiores a 70 % da cotação mundial dos produtos sobre que tal tabela incide. Um quilo de bom papel de livros custava, *em Tejo*, dois escudos (incluindo 10 % para transportes, 4 % de factura consular e 3 % de despesas várias), quando as fábricas portuguesas vendiam papel semelhante a três escudos e dez centavos, preço que aumentaram já para três escudos e meio à sombra da lei agora posta em vigor. Como poderemos, portanto, vender livros no Brasil, conservando ali o nosso cubículo predomínio intelectual, como havemos ao mesmo tempo, de obstar à ilícita concorrência de edições fraudulentas feitas em França e Alemanha, em língua portuguesa, em inteiro proveito de estrangeiros e consequente prejuízo de todos que trabalham para o livro português, em Portugal? E o que se pensará, no concêrto mundial, dum povo que não edita, portanto que não lê e não tem, aparentemente, quem escreva?... O livro português não pode pagar erros industriais nem ambições ilegítimas.

V.^{as} Ex.^{as}, senhores ministros, não ignorem que há dois anos se verifica que nos foge o grande mercado brasileiro, mercado livreiro, que o mesmo quer dizer, mercado intelectual. Há dois anos estiveram no Rio de Janeiro representantes dos maiores editores portugueses, Lelo & Irmão, Portugal-

-Brasil e Ailand, Ltd.^a, para estudar a crise. Só viram maneira de a debelar obtendo vantagens que os habilitassem a vender barato e constataram, desolados, que o livro brasileiro é protegido no Brasil por forma tão grandiosa quanto o livro português é perseguido em Portugal, por instigação e com ajuda de portugueses, no intuito de proteger ilegítimos interesses particulares. V.^{as} Ex.^{as} não legislaram para isto, V.^{as} Ex.^{as} legislaram sem pressentir que acabavam de vez com a escassa produção intelectual portuguesa, afogada por falta de edição, visto esta se tornar impossível em face do decreto 14.844.

*
*
*

Propositadamente guardámos para o fim o caso da imprensa periódica. Nesta lei só os grandes diários noticiosos, não são, mas só aparentemente, lesados. Só eles, impressos em papel em bobines, usufruem regalias. E então, Ex.^{as} Senhores, porque se condena à desapareição a pequena imprensa, os jornais da capital e das províncias, que se imprimem em papel resmadô?... Tomo a liberdade de, singelamente, lembrar a V. Ex.^a que é nesses jornais que, a maior parte das vezes, se agitam mais profunda e amplamente os grandes problemas que a imprensa deve pôr e discutir: educação, progresso, moralidade, problemas de que V. Ex.^{as} são ardentes e devotados estudiosos. Quanto à *Ilustração*, ela está condenada à desapareição pelo decreto a que nos referimos. E, no entanto, a *Ilustração* é hoje necessária à vida portuguesa. Ela é o grande arquivo, arquivo carinhoso, da vida nacional, e é, sobretudo, um documento de vitalidade e de esforço que se arroga o direito de ser respeitado, não pelo que tem de deslumbrante, mas sim pelo que tem de honesto. Todos os países teem as suas ilustrações e todos as subsidiam oficialmente e com largueza. A *Ilustration* recebe do governo francês alguns milhões de francos anuais a despeito de se vender, colossalmente, em todo o mundo. A um recente projecto de aumento de preço da *Ilustration* respondeu o governo francês proibindo esse aumento e aumentando o subsídio.

A *Ilustração* não pede subsídios, não pede ao Estado senão que a deixe viver, embora com dificuldades, do seu honrado esforço. A *Ilustração* é hoje conhecida fora do país e, modesta como é, tem recebido elogios gratos de altas individualidades internacio-

nais. O governo brasileiro subsidia a *Ilustração Brasileira* com 300 contos da moeda do seu país em assinaturas para escolas, repartições e consulados; em paralelo que o governo português se limite a consentir à *Ilustração* que viva para cumprir a sua missão de levar as nossas paisagens e as nossas obras de arte a toda a parte, de propagar os nossos melhores nomes literários, de provar enfim, em toda a parte onde aparece, que Portugal vive, uma alta vida de espiritualidade e se prepara para, cada vez mais, afirmar o seu lugar no mundo civilizado. Ora a *Ilustração* não pode, Ex.^{as} Senhores, ser impressa em papel nacional. O papel seria caro e tão mau que nem os operários gráficos poderiam trabalhar satisfatoriamente com elle. E quem diz *Ilustração* diz *Magazine Bertrand* e *Voga*, duas revistas altamente cuidadas e que honram a edição de periódicos em Portugal, ameaçadas também de desaparecer. Eu sei que o senhor ministro das Finanças quiz, no artigo 2.º, proteger a existência destas revistas dando vantagens ao papel em bobines destinado a elas. Mas, Ex.^{as} Senhores ministros, não há papéis «para periódicos e revistas» em bobines nem estas revistas, de cuidada factura, se podem imprimir senão em máquinas planas e papel resmadô de qualidades que, de resto, não se fabricam satisfatoriamente em Portugal. Isto inutiliza as boas intenções de V. Ex.^a Senhor Ministro das Finanças. Duas palavras só, em bobines, o efeito deplorável que podem ter!... Essas duas palavras podem, a conservar-se, fazer desaparecer três revistas que, pela sua enorme expansão nas nossas colónias mais longínquas e entre os portugueses que vivem em terra estranha, são o único elo que une à mãe pátria muitos milhares de almas, impedindo a sua perigosíssima desnacionalização.

V. Ex.^{as}, Senhores Ministros da Instrução e Finanças, são homens de alta convergadura moral e intelectual e portugueses de lei, ardendo, como nós, em fé no futuro. Reconhecem portanto V. Ex.^{as}, com certeza, a verdade e a justiça destas palavras necessárias. Desta forma, estou certo, não subsistirão as disposições do decreto 14.844, que matura em Portugal a edição do livro de literatura, tornaria só para privilegiados a aquisição do livro de estudo e condenaria à desapareição as nossas publicações e as suas congêneres, todas prestando altos serviços de educação e instrução, revistas que, por todos os motivos, nunca poderão imprimir-se em papel nacional caro e péssimo, nem podem jámais suportar, desajudadas como estão, o agravamento pautal que agora foi decretado.

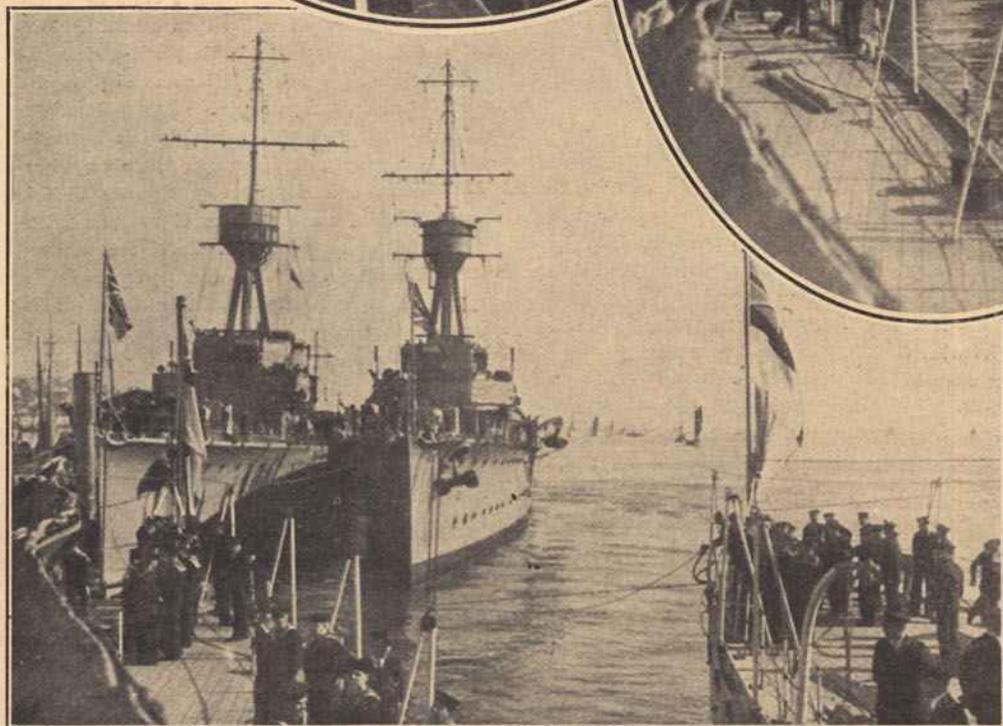
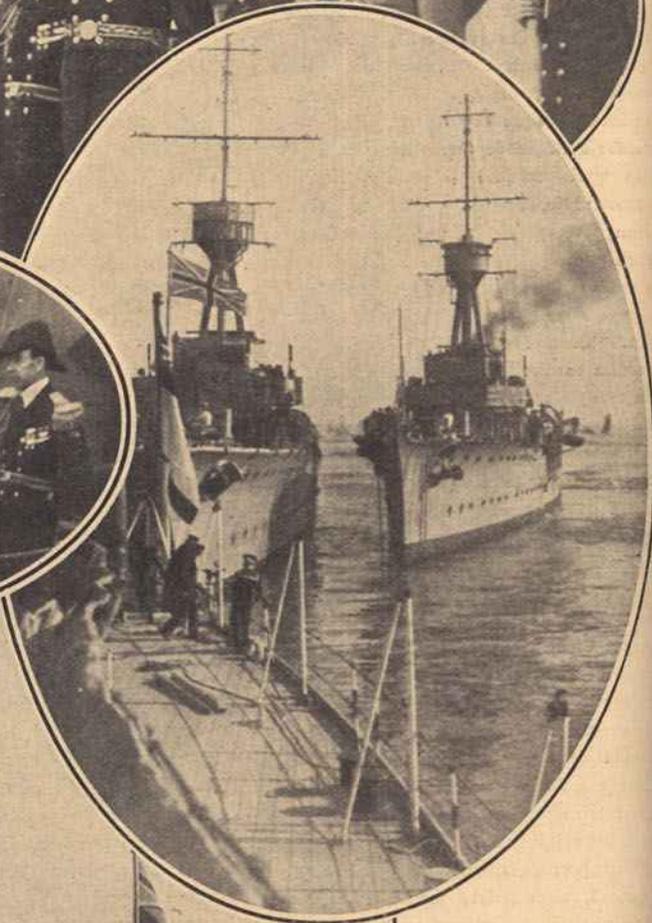
Os meus respeitos, senhores ministros, e os protestos da minha confiança absoluta em V. Ex.^{as}

JOÃO DA CUNHA DE EÇA.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

A VISITA DA ESQUADRA INGLESA

TEVE um alto significado a visita da esquadra inglesa do almirante Larken ao nosso porto. Quer eu dizer que, lá fora, os olhos estão postos em Portugal, no nosso esforço de ressurgimento, no nosso trabalho, na nossa actividade criadora. A Inglaterra, poderosa e forte aliada, tem, naturalmente, lógicamente, maiores atenções com este país que foi tão grande e que tão grande pode ainda tornar a ser! A visita da esquadra inglesa foi mais uma grande prova de simpatia e de carinho por este lindo país, em que ainda se não perderam as grandes virtudes racionais. Este cantinho do mundo, que outrora dominou quasi o mundo inteiro, provará aos seus amigos lá de fora que não é vã a confiança que nele e no seu esforço depositam as grandes potências.



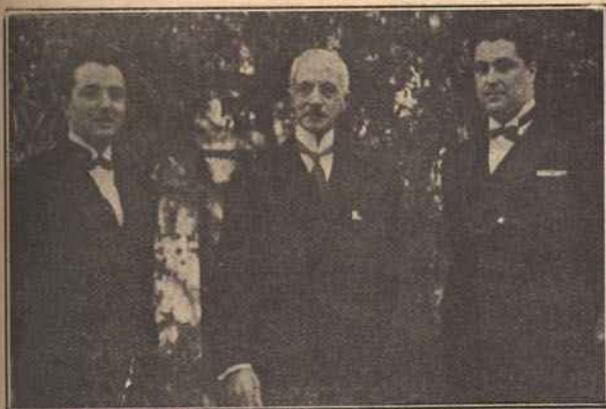
AO ALTO, no oval: A saudação á bandeira pelo sr. Presidente da Republica e Almirante Larken, enviado inglês

NA OVAL, á esquerda: A entrada a bordo do sr. general Carmona, por ocasião da visita official á esquadra

NA OVAL, Á DIREITA e em baixo: Aspectos da chegada dos quatro cruzadores liguezes e da atracação aos nossos novos cais

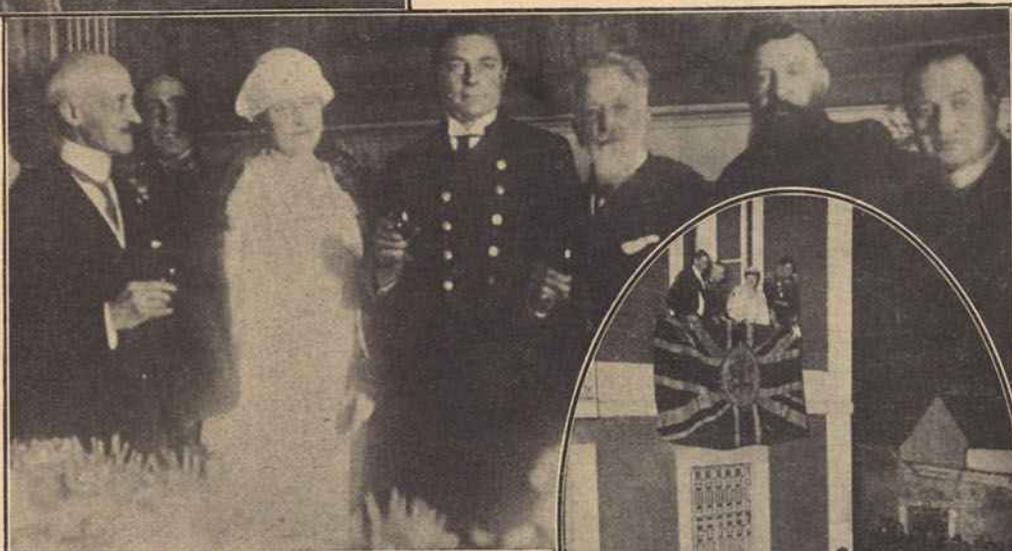
(Fotos M. de Novais)

VIDA SOCIAL



A *Ilustração* oferece, como homenagem a Sua Magestade o Rei de Espanha, ao seu presidente de conselho, marquez de Estella e ao illustre embaixador espanhol em Lisboa D. Cristobal Vallin, alguns exemplares do seu numero do Natal em pasta de rica encadernação portugueza e luminuras de Roberto Nohre. Na nossa fotografia vemos-se João da Cunha Eça, nosso director, Sua Ex.^a o Sr. Embaixador e João de Sousa Fonseca, director técnico da nossa revista, por ocasião da entrega no palacio de Pádua.

A *luz* O Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros oferece um chá aos saíes das Necessidades, em honra da officialidade da esquadra inglesa. A mesa d'honra durante os brindes, vendo-se o almirante Larkin, o Sr. Embaixador de Espanha, o Dr. Henriques Rodrigues, senhora embaixatriz de Inglaterra e Rev.^o Bispo de Trajancopolis.



Em Jazas: Um aspecto da baile nos salões do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

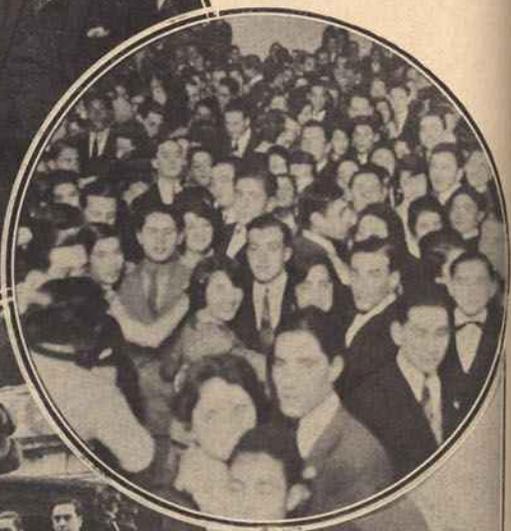


Na noite: Uma grande manifestação popular, vislumbro de noite, a Embaixada Inglesa vibrando e Sr. Presidente da Republica e os senhores embaixadores da nação-amiga.

VIDA ELEGANTE



NA OVAL: A comissão que promoveu festas de beneficência no Liceu Passos Manuel, festas que atingiram de modo brilhantismo e foram duma grande elegância



EM CIMA: Comissão de senhoras que levaram a efeito no Grande Hotel de Itália do Monte Estoril, na tarde do dia 15 de Janeiro, um elegante «chá de caridade», cujo produto se destinava à Casa de Trabalho de Cascais. *Da esquerda para a direita:* D. Alda Trigo de Almeida Santos, Condessa de Almozer, D. Maria da Graça de Sequeira do Castelo Branco, D. Maria Ana de Avillez, D. Maria Francisca de Castelo Branco (Pombelo) e D. Maria José Vilas Boas Canas da Costa e Silva

NO MEDALHAO: Aspecto do baile dos almos do Liceu Passos Manuel, efectuado para fins beneficentes

EM BAIXO: A sr. D. Luísa Pacheco Rebelo de Carvalho e o sr. dr. José Pinto da Fonseca Meneses, com os seus convidados, por ocasião do seu casamento realizado na igreja do Mosteiro de S. Simão, residência da família da noiva, perto de Vila do Conde, no dia 8 de Janeiro, vendo-se junto dos noivos S. Ex.^{as} Reverendíssimas o sr. Arcebispo Primaz D. Manuel Vieira de Matos, que celebrou o acto

O LOBO-PAPEL E O CORDEIRO-LIVRO

ALGUNS livros meus foram impressos antes da Guerra ou nos começos dela, e outros depois dêsse incidente de costas largas. Tiro da estante um daqueles e o seu papel é tão bem fabricado, tão macio, tão forte e compacto, que o ditoso volume faz, na minha mão e aos meus olhos, figura de edição de luxo — sobretudo quando o comparo com os seus irmãos nascidos depois do armistício. 2 Pobres pelintras, estes, com o seu enxoval de papel de embrulho ou de mortalha de cigarro!

No entanto eu sou bom pai; quero tanto bem a uns como a outros; não é minha a culpa, se os mais velhos trajavam de seda, e estes agora passeiam por aí envergonhados, nas suas frotas de fazenda reles.

Também não é que eu esteja hoje muito mais pobre do que antes, nem me tenha feito mais sovina. É certo que não mudei de loja, que continua a ser a mesma: a Indústria Portuguesa.

O que empobrecer foi somente a qualidade. Mas quem terá enriquecido à custa dela e à nossa? ..

Talvez ninguém; porque tudo pode acontecer, no maravilhoso Reino da Estupidez.

Se a qualidade enfraquece com a protecção; se a única coisa que com ela engorda é o preço, diga-se então francamente que a protecção é dada ao preço, e não à indústria. Ou, por outra: abram-se os olhos, e veja-se como é industrioso proteger-se a gente a dois carrinhos, subindo o preço e baixando a qualidade.

Mas lateja aí um grande mistério: luta-se e clama-se contra o disparate, e não há meio de vencer. 2 Médio aos operários papeleiros? Médio ao bolchevismo? Favor santo e prudente atitude. Mas não se esqueça que operários, e dos mais infelizes, são os que escrevem para o país que não sabe ler; e, a respeito de bolchevistas, dessa massa fina é que se fazem os mais azedos e corrosivos.

TAMBÉM é certo, por outro lado, que antes guerra prosperavam em Portugal a indústria tipográfica e a própria indústria papeleira. Aquela trabalhava activamente para o Brasil e até para Inglaterra; esta mostrava muito mais saúde, oferecendo melhores produtos por preços 30 por cento inferiores aos estrangeiros. Hoje, com direitos de importação proibitivos, a indústria papeleira definha, visto que o preço do papel aumentou e a sua qualidade decaiu. E quanto à tipográfica, o egoísmo papeleiro asfixia-lhe a expansão, reduzindo-a cada vez mais ao mercado interno.

Tenho diante de mim dois livros do mesmo ilustre autor brasileiro, impressos recente-

mente, um no Pôrto, outro em S. Paulo. Não creio que êsse escritor volte a mandar imprimir qualquer livro em Portugal, tão grande é a diferença (e tão desfavorável para o produto português) entre a edição de cá e a de lá.

Assim já não poderemos concorrer, nem em preço nem em qualidade, a um mercado que era importante para nós, não só material, mas também moralmente. E vejo que vão prosperando lá fora, e em França sobretudo, emprêsas formadas para fabricar livros impressos em português e destinados à importação no Brasil, sem passarem por Lisboa...

Assim se defrauda, ao mesmo tempo, o operário gráfico nacional e a cultura portuguesa. É o caso de dizer que se vão os anéis — e os dedos com êles.

ANTES da guerra de tarifas há anos travada entre Portugal e a França vigorava um tratado pelo qual as tiragens de livros impressos em português pela tipografia francesa podiam entrar aqui sem pagar direitos, desde que viessem ainda em folhas, e não já em volumes acabados. Hoje está perdida para a expansão da cultura nacional essa importante regalia.

E, no entanto, a nossa indústria tipográfica tinha então trabalho para exportar, além de que os tipos comuns de papel português eram tão bem fabricados como os estrangeiros, batiam-se com êles pelos preços do mercado mundial e dispensavam a protecção escandalosa e revoltante que truceia e esmaga os que procuram viver do trabalho do espírito.

O proteccionismo exagerado é como a educação minimalista: forma egoístas incapazes, em vez de trabalhadores corajosos e úteis.

LIVROS não se fazem sem papel; mas, as fábricas de papel podem viver sem fazer papel para livros, porque tem a margem enormíssima do consumo de papéis para embrulho, para sobrescritos e cartas, para expediente dos escritórios, para os impressos oficiais e particulares, para os exercícios escritos de milhares de escolas, e para o selo, a quinze tostões a meia folha.

No entanto é o pobre livro desprotegido quem tem de proteger aqueles que, afinal, tudo protege. Resultado naturalíssimo: o livro está derreado e moribundo; e, apesar disso, a indústria papeleira ainda não teve de fechar as fábricas. Essa indústria não precisava de matar o livro para viver, visto que vive perfeitamente com o livro morto.

Osr. ministro da Instrução deve lamentar isto mais que ninguém: quatro ou cinco escudos em cada quilo de compêndios de aula, só para as fábricas de papel;

depois, a título de juro, de empate, de comissão, ou sem pretexto nenhum, é claro que aquele encargo chega duplicado à bolsa do consumidor. O consumidor é o pobre povo que quer aprender; é o pobre pai de família que precisa de educar os seus filhos; é êste desgraçado animal português, eternamente punido e escarnecido por ser português.

ENTRA qualquer de nós numa livraria para comprar as últimas novidades, e encontra livros franceses a rôdo e livros portugueses em minoria cada vez mais chupada. Os franceses, em bom papel e boa impressão, custam metade ou dois terços do preço dos nossos, e tem, com igual vulto de texto, aparência muito mais agradável, prestígio mais aliciadores e — ai de nós! — quanta vez melhor miolo... A nossa administração protege, de uma cajadada, o papel português em branco e o papel francês impresso. É uma bela administração colonial ao serviço da França. Não parece que funcionem melhor os governos ultramarinos do Senegal, de Madagascar, ou da Indochina francesa.

No Reino da Estupidez acontecem coisas maravilhosas. Por exemplo: deixa-se entrar livre ou quasi o papel para jornais e revistas, mas fecha-se a porta ao que venha para fazer livros. Então 2 os livros são luxo e as revistas necessidade? Então 2 poderia haver revistas e jornais, se não tivesse havido livros primeiro? Então 2 a *Corneta do Diabo* ou a *Revista do Fado* são mais necessárias à cultura nacional do que a *História de Portugal*, o *Primeiro livro de leitura*, ou *Os Lusitadas*?

E justo que se protejam, até contra Sua Majestade o Papel, as boas revistas e os bons jornais. Mas é irracional estabelecer como regra que os bons jornais e as boas revistas merecem mais carinho que os bons livros.

QUERENDO significar a inferioridade em que nos encontramos, nós portugueses, por sermos numericamente um povo pequeno e cuja fala tem, portanto, pouca expansão e comunicabilidade, o soturno Herculeano escreveu:

— A lingua portuguesa é o túmulo do pensamento.

Mas agora vem a Alfândega, e rosna:

— Pois então enterrem êsse diabo vinte braças mais abaixo!

VIDA ARTISTICA

PORTUGAL é um país de artistas. No continente, nas ilhas, sucedem-se ininterruptamente certames, exposições individuais, conferências de arte, etc.

Isto só prova a índole verdadeiramente artística dos portugueses que conseguem manter o fogo sagrado da arte a despeito da pequenez, por vezes asfixiante, do meio em que vivem. Bem hajam os artistas, e que os seus esforços sejam sempre bafejados de êxito.



No Funchal: A Exposição de labores e decoração promovida pelo Ateneu Commercial desta cidade, obteve um brilhante êxito. *No medalhão*, o caricaturista Roberto Cunha, um dos triunfadores do certame



(Fotos Mario Naves)



Diniz Fragozo, moço e talentoso artista cujos desenhos foram muito apreciados na Exposição do Funchal

Na oval, à esquerda: A comissão de senhoras, que promoveu a conferência da ilustre poetisa Oliva Guerra na Sociedade de Belas Artes, recebendo a apiaudada conferência



No medalhão: Oliva Guerra lendo a sua primorosa conferência sobre "A Condessa de Noailles"



À esquerda: Na inauguração da exposição dos trabalhos delicadíssimos de D. Abigail Palma Cruz, exposição que alcançou um profundo êxito artístico

EDUARDO MALTA EM MADRID

PARTIU PARA A CAPITAL ESPANHOLA ESTE ILUSTRE PINTOR QUE VAI INICIAR OS TRABALHOS PARA A CONFEÇÃO DO NOSSO NÚMERO ESPECIAL PORTUGAL-ESPAÑA

As nossas fotos foram realizadas por ocasião da partida para Madrid do pintor português Eduardo Malta que a *Ilustração* enviou à capital espanhola para executar os retratos das mais eminentes personalidades da nação vizinha e irmã e representam: *Ao alto e na oval da esquerda*, o momento em que o «Junkers» erguia vôo, à *direita* e pequenino Terra Nova que Cifka Duarte enviou por via aérea ao comandante Ramon Franco. *Ao centro e em baixo*, Eduardo Malta com o poeta Augusto de Santa Rita e gentilíssimas senhoras que compareceram às despedidas, a última saudação do nosso colaborador e o avião «Junkers» sulcando impo-
nentemente os ares depois da sua segura e magnífica descolagem.

(Fotos de Mário de Novais)



LIVROS E ESCRITORES

Ou Malthus, o célebre economista inglês tido por infâmio da procriação, deixa de manter altar aceso nos lares ricos ou, pelo menos, remediados, os únicos onde a instrução, quando mais não seja por luxo, ainda tem cabimento, — ou então pobres e incomensurados escritores do nosso país que andam consumindo horas de fazer e lazer com a literatura infantil! Porque, se dermos ouvidos aos informadores estatísticos, em grande susto perante o baixo coeficiente de natalidade apurado, e se, ao mesmo tempo,



Dr. Claudio Basto

olhando com olhos de ver esta egolística sociedade moderna, observarmos que, mesmo assim, quem evita que esse coeficiente baixe mais ainda é o povo humilde, aquêle que menos escola e menos pão usufrui (e a quem lhe não chega para o essencial, como chegar-lhe para o supérfluo, sobretudo para livros de simples mimo?), — o problema impôr-se-nos há nã e crú: se ainda não chegou, breve será o dia em que se reconheça existirem livros infantis a mais, por haver pequeninos leitores a menos.

Há coisa de duas dezenas de anos, em tempos em que a gestação não parecia enfadar por aí além as mulheres, Rça de Queirós lamentava a nossa penúria literária quanto ao género, em vergonhoso contraste com a riqueza das letras estrangeiras. Inverteram-se depois os factos, num e noutro ponto: hoje, a penúria de livros corresponde a superabundância, e no concernente a trabalhos do puerpério, demos nós, homens, graças a Deus por as nossas genitrices companheiras se limitarem a evitá-los tanto quanto possível e não terem ainda conseguido do Altíssimo que seja o sexo forte a occupar-se também e exclusivamente disso!...

Pois é verdade: desde que o último Natal se avistou lá longe no horizonte até aqui há uma ou duas semanas atrás, apareceram nada menos de dezoito trabalhos dessa índole, dezoito, bem contados pelos dedos de quem anda atento ao movimento. Nem todos aqui vieram bater-nos ao ferrolho, mas à vista de os que o fizeram e depois de apreciados seu conteúdo, só temos de afervorar-nos nesta prece:

— Mais meninos, que venham mais meninos, ou caídos do céu, por milagre, ou importados de França, numa condessinha, ou ainda extráficio das maternais entranhas com divino sacrifício, processo antiquado mas o único produtivo, ao que parece, — mais meninos, para que se não acabe o mundo e para que essas tantas brochuras finamente coloridas e cheias de engenho agora escritas e impressas não murchem, por falta de uns ingénúos e curiosos olhos em flor que sorvam o encanto infundido, de parcaria, em seus textos e em suas vinhetas pelos artistas da pena e pelos artistas do lapis!

Se bem que os homens que desde velha data ajardinam o terreno não se mostrem resolvidos a déle arredarem pé — e neste caso está Henrique Marques Júnior, um dos mais conhecidos cultores do género entre nós, de cujas mãos recebemos há breves semanas dois novos livrinhos, trabalhados com o seu proverbial escrúpulo, um, a *Branca de Neve*, outro *A Princesa Pele de Burro*, — as senhoras estão em vias de

conquistar hegemonia neste cantão literário, coisa que muito natural nos parece: recrear a infância coaduna-se às mil maravilhas com o instinto materno e se há escrita que exija grande dose de carinho e de delicadeza é essa. Já a última revoadada dessas obras, salvo duas ou três, levantou toda voo de aviários femininos. A que mais grata impressão nos deixou, da meia dúzia que lemos, foi a intitulada *Em tempos que já lá vão...*, onde ao talento da escritora, D. Maria de Sotto Mayor, talento limpo que nos seus onze contos faz andar numa roda-viva animais, fadas e princesas, aparece ligado o de D. Hermínia Maia de Medina, como ilustradora hábil e insinuante. Dois outros trabalhos, porém, merecem igualmente registo: *A História do Coelhinho Tic-Tac*, de fábulas animalistas, assinado por D. Virgínia Lopes de Mendonça, que, para mostrar quão vigorosa é a dinastia de artistas a que pertence, chamou seu irmão, Vasco Lopes de Mendonça, para lhe ilustrar o texto da obrinha; e *Contosinhos de Cristal*, mão-cheia de narrativas morais e divertidas, onde espelhe o espirito vibrátil dama grande escritora mexicana, Maria Enriqueta. E quanto a livros para crianças, estão, desta feita, as nossas contas encerradas.

E daí, talvez não, pois muito nos tenta meter no rol as *Histórias Pequenas*, da sr.^a D. Maria do Carmo Peixoto, escritora que tanto em prosa como em verso está evidenciando qualidades de distinção. Nas rimas das *Folhas ao Vento*, com que se estroeu, a inspiração é clara e a técnica apurada, e no seu gentil trabalho de agora, embora escrito em prosa, a poetisa também não



Ten-coronel Sousa e Silva

consegue fazer-se esquecer. Denuncia-a a natureza dos temas, alguns dum lirismo enternecedor. Não se destina o volume, designadamente, aos leitores mundos, mas estes nada perderão em ouvir ler certas destas histórias, histórias cândidas e embelezadas pela fantasia.

Camilo, assunto inexgotável! Mas se bem analizarmos a caudalosa bibliografia de que elle tem sido origem, não nos pode deixar de surpreender o seguinte: mais se tem estudado a sua vida do que a sua obra, quando afinal, sendo o autor do *Amor de Perdão* um dos maiores escritores portugueses, deveríamos de preferência avaliar, em todos os seus aspectos, no total das suas causas e efeitos, aquilo que elle legou às letras pátrias, as suas novelas impregnadas de sentimentalidade, as suas comédias cheias de chiste, as suas páginas de polémica onde o sarcasmo alastra em nódoas vermelhas. Mas não. Mais, muito mais, a sua existência torturada pela doença e pela pobreza tem apensado os camilianistas do que a grandeza literária dos seus escritos. Esta é que a verdade. Todavia, nem todos os camilianistas são, felizmente, desse critério. Não o é, por exemplo, o sr. dr. Cláudio Basto, publicista a quem o folclore nacional deve estudos valiosíssimos e que também no ensaio e na crítica literária tem dados firmes provas de saber e argúcia. E o caso é que tomando elle um dia Camilo como tema, não se voltou, como tantos outros, para o lado da vida íntima do genial romancista, mas sim para a matéria esplêndida com que este construiu as suas páginas magis-

trais: a linguagem. Da linguagem camiliana, seus esplendores e suas manchas, suas fontes, a clássica e a popular, seu enorme poder de expressão, sua aversão pelos estrangeirismos, se occupa exactamente o último livro trazido à estampa pelo sr. dr. Cláudio Basto, livro que acabamos de ler com extremo interesse e se nos impõe como preciosa contribuição para a história da lingua portuguesa no século findo, investigada através dum dos seus mais gigantescos vultos, esse homem sob cuja pena a linguagem lusitana era uma matéria viva, sanguínea, amorosa, suplicante, risonha agora, logo dolorida — ser de alma multimoda, tão depressa reflectindo clarões vindos do céu como horridas chamas subidas dos píramos infernaes. *A Linguagem de Camilo*, assim se denomina o livro em questão, vale bem mais, para o conhecimento da personalidade do grande escritor, do que muitos outros volumes que por aí andam apontados como evangelhos do culto camiliano.

Se queremos tratar do problema colonial a sério e não andar a fazer dele apenas um motivo de vistosa retórica dos dias comemorativos, temos mas é de estudar e apreender todos os seus elementos *in-loco*.

É o que diligenciou fazer o sr. tenente-coronel Sousa e Silva, autor da magnífica monografia *Distrito de Tete*, que abre com um prefácio, digno de meditação, do sr. Conde de Penha Garcia. O texto deste bem elaborado trabalho colonial foi inspirado em terras africanas, nesse opulento pedaço da provincia de Moçambique que o autor há anos trouxe sob governo e a que ficou votando especial amor. Querendo dar em suas páginas um relato do que na sua curta gerência chegou a realizar e do muito mais que projectava realizar ali, não deu o sr. Sousa e Silva estes acanhados limites ao seu trabalho. Não, elle é, antes, um estudo, bem vizinho de completo, daquela região, em qualquer dos seus aspectos, desde o histórico ao folclórico, desde o administrativo ao linguístico, entremecendo a parte árida para os alheios ao assunto de notas que divertem, pelo seu carácter curioso e até anedótico. Muito abundante em gravuras, deste livro cumpre dizer que elle marca entre a nossa bibliografia colonial, menos copiosa do que seria próprio num país que possui tão vastos e tão ricos domínios além-mar.

No grupo dos acaçoranos que cultivam as bellas-lettras tem lugar, e não apagado, o sr. dr. Oliveira San-Bento, a quem a grave jurisprudência não conseguiu por de mal com as musas, que outróra foram sua visita assídua. Poeta de fino estro e também patriota confederador dos lances mais dramáticos da história da nossa nacionalidade, o seu último labor literá-

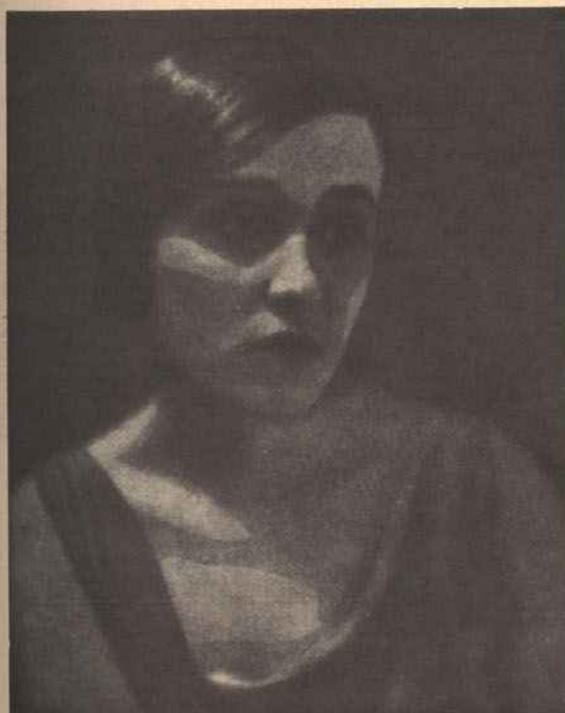


Dr. Oliveira San-Bento

rio procurou ligar essas duas feições do seu espirito. E conseguiu-o, numa obra de formação scéncia, dividida em três actos e um quadro, *O velho do Restelo*. Os episódios estão bem urdidos e desenham-nos bem a era das descobertas, com o tumulto das abaladas, mixto de ambição de glória e de saudade cruaante, uma e outra revezando-se no coração dos nossos marreantes.

CÉSAR DE FRIAS.

FIGURAS DO MOMENTO



FRANCINE BENOIT

A eminente musicógrafa e concertista, nossa colaboradora, inaugurou, com brilhantismo formidável e grandioso sucesso, no passado dia 23, os seus curiosos recitais, em que evidenciou, a par de dotes raros de conferencista, uma deliciosa virtuosidade e uma sensibilidade delicia-
díssima. Os restantes concertos da série iniciada, efectuaem-se dentro em pouco.

Em todos êles, estamos certos, Mademoiselle Francine Benoit obterá igual e profundo êxito, merecidíssimo não só pelas primorosas qualida-



des artísticas e intelectuais da ilustre senhora, como também pelo seu belo espírito de iniciativa, provado agora com a organização destes concertos, que a mentalidade musical portuguesa necessitava para complemento da obra de vulgarização que, de todos os lados, se observa, cruzada a que Francine Benoit se tem abnegadamente consagrado.

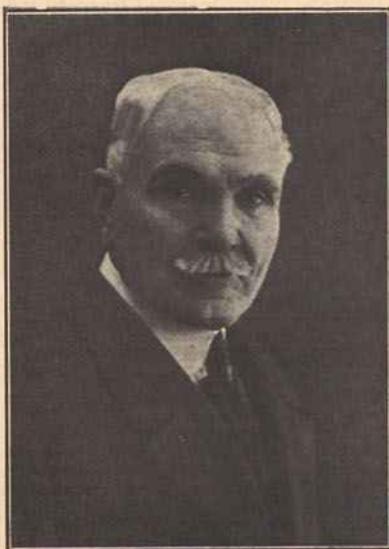
BERTA SINGERMAN

A eminente declamadora sul-americana visitou de novo o nosso país e efectuou alguns recitais poéticos. Como sempre, foi um grande acontecimento mundano e artístico, a audição da vibrante intérprete dos mais altos espíritos da latitudade. Reproduzimos um retrato inédito de Berta Singerman, obtido por Mário Novais, e que é uma bela obra de arte fotográfica, cheia de expressão e doçura.



SALGADO DO CARMO

O eminente professor e concertista da tão calculada guitarra portuguesa, instrumento erigido das mais temíveis dificuldades, depois dos seus grandes triunfos no Brasil e Estados Unidos, efectuou ante-ontem, na aristocrática Liga Naval, o seu recital primoroso, tocando grandes peças clássicas de concerto e músicas populares do nosso riquíssimo folk-lore, a que o seu formidável talento deu alma e nobreza.



DR. BAZILIO A. SOARES DA C. FREIRE

No distintíssimo ornamento do corpo docente da Universidade de Coimbra, a cuja Faculdade de Medicina pertencia, tendo regido, com a maior proficiência, a cadeira de Anatomia, durante muitos anos, relembrando os seus inúmeros discípulos, com saudade, as magistrais lições d'êles recebidas. Memória prodigiosa, rectíssimo carácter e dotado de uma grande bondade, aliava êsses dotes a um espírito muito culto, tendo deixado alguns trabalhos escritos e cultivado as belas letras.

A nossa homenagem, no aniversário do seu passamento, é uma obra de justiça, prestada a alguém que muito profundamente honrou o seu país como professor e homem de ciência, e cuja modéstia guardou seu nome das tubas, nem sempre justas, da publicidade.



JAIME DE BALSEMÃO

O delicado e subtil prosador de tantas belas obras literárias da nossa época, acaba de lançar a público, com ruidoso sucesso, o seu novo volume *A farça dos miserandos*, que é já um formidável êxito de livreria e um primoroso manjar do espírito.



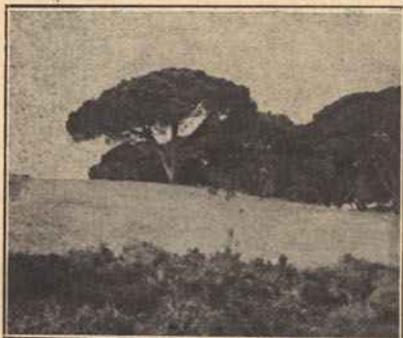
Um belo pinheiro-reserva — Mata de Leiria

A massa dos pinhais no país é, já hoje, em relação ao território continental, uma coisa que se impõe: vestem os nossos pinheiros comuns, o bravo e o manso, muito especialmente o primeiro, uma área avaliada em cerca de um milhão de hectares, sensivelmente a superfície dos pinhais franceses, muito mais que a superfície da vizinha Espanha, adstrita a esta forma de utilização florestal. Cinco milhões de metros cúbicos, tal é o montante calculado para a produção lenhosa anual, desta origem, a qual pode juntar-se, entre outras de menor valia, a dos produtos resinosos, actualmente computada no mínimo de dez mil toneladas anuais.

Estamos ainda, por qualquer dos aspectos em que se encare a produção dos pinhais, bastante aquém do aproveitamento integral dos nossos recursos. Podem, de facto, sujeitar-se a esta tão fútil forma de aproveitamento novas e extensas superfícies, devendo continuar a passo de carga a tarefa meritória que tanto o Estado, pelos Serviços Florestais, como os particulares, veem há anos, empreendendo.

E, da mesma área actual, é também possível conseguir uma produção de resinosos que pode atingir, com o tempo, o décuplo do que é hoje, colocando-se, então, o país na situação, agora ocupada pela França, de segundo fornecedor para com o mercado destes produtos fabastecido em cerca de 70 % pelos R. U. A. N. e em 20 % pela produção francesa).

Para atingir este desideratum bastará introduzir gradual e metódicamente a prática da resi-



Pinhal manso, dos Médos — Costa de Caparica

nagem à vida (fazendo anos seguidos na mesma árvore a exploração resinosa) em substituição da resinagem à morte (exploração exgotante, no máximo de três anos) a que estamos habituados. Precisamente, na sua Estação Experi-

A TERRA PORTUGUESA NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

II — A RIQUEZA FLORESTAL — OS PINHAIS

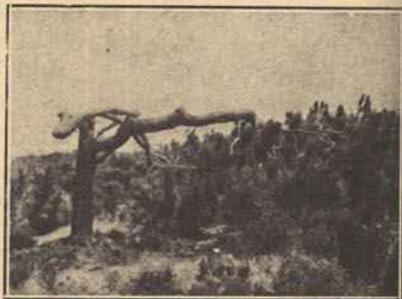
mental do Pinheiro Bravo, na Mata de Leiria, os Serviços Florestais estão-se ocupando do método, da oportunidade e das várias circunstâncias que interessam esta nova modalidade, e, em breve, eles estarão aptos a guiar os proprietários de pinhal, em acordo com os interesses colectivos, nesta senda promissora de abundantes recursos.

Tal como hoje se apresenta, no simples golpe de vista que da situação pode ser dado aqui, a riqueza assente nos pinhais portugueses traduz-se, pelo valor da sua produção actual, na média de duzentos mil contos.

E são, assim, sem dúvida, os mesmos pinhais representativos de um alto valor, perante o património nacional.

A zona privilegiada para o pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), também conhecido como pinheiro marítimo, é a da faixa litoral para norte do Tejo; ali, na arborização e fixação das areias, movediças e pobres, das dunas, presta inestimáveis serviços. A humidade atmosférica, que a visinhança do mar condiciona, é-lhe eminentemente propícia e o solo solto e profundo convém-lhe por igual, sem que receie, nas suas exigências (tão apoucadas, que o trazem à cabeça do rol entre as espécies frugais), a pobreza do meio, e, tão pouco, a sua extrema mobilidade,

defendida do avanço das areias, assenta a exploração regular que traz, com arvoredos de 80, 90 anos, no mercado nacional das madeiras, o material lenhoso de maior valia que produzi-



Pinheiros do litoral, batidos do vento — S. Pedro de Moel

mos. Trecho de pinhal cortado é ressemecado logo em seguida; trabalho fácil, em que a mão de obra feminina predomina e se acredita, tocada do vigor e da alegria sã dos ranchos do mulheiro da região, não poucas vezes esmaltados com verdadeiros traços de beleza.

No geral, as árvores a abater submetem-se, nos três últimos anos de vida, a uma resinagem sumária, exgotante, que nada prejudica, é bem de ver, indivíduos previamente condenados à morte. Quem uma vez visitou um pinhal resinado, no decorrer da campanha, em pleno verão, e mormente um pinhal como o de Leiria, em que as operações correm modelarmente, com absoluta ordem, não ponde furtar-se à curiosa impressão que o conjunto oferece, as árvores sangrando *gemma* por múltiplas feridas, centenas de picaros sob as bicas, os resineros numa grande azáfama, mas sem que percam passada, ora avivando feridas, ora despejando os vazos, ora transportando para as latas de recolha, e daí para as barricas, a massa resinosa que vai depois desdobrar-se nas fábricas, pela destilação, em água ruz e pés louro (essência de terebentina e colofana).

(Fotografias da coleção dos Serviços Florestais).

AZEVEDO GOMES.



Maciço adulto, visinho do corte — Mata de Leiria

pois que, graças a um raizame potente, logra prender-se fundo e forte no areal.

É nesta situação, um tanto precária, embora mais consolidado o terreno, para o interior, e apropriado com o seguimento dos anos às necessidades da vegetação, que vamos encontrar no país a sua melhor mata: o célebre pinhal de Leiria, extenso de dōze mil hectares, desentrolando-se da Marinha Grande ao mar e dali até à Vieira, no sentido do comprimento. Massa compacta de arvoredos, com trechos de impressionante grandeza, inexcedidos para o pinheiro bravo nos outros países que o cultivam, éle tem sido a grande escola da reduzida, quanto esforçada, família florestal, dos técnicos nacionais. Por ali tem passado, desde Barros Gomes, para só falar do maior de todos, aqueles a quem o Estado confia a tarefa, quantas vezes ingrata, da administração e da técnica silvícola, ora exercendo-se nas serranias, de uma asperza cortante, ora, como ali, nas alturas de S. Pedro do Muel, frente ao mar, sobre os arenais extensos, branco lençol movediço, por vezes núbem em turbilhão que o vento do largo arremessa ao interior; arais que, ao cabo de muito esforço, por fim se aquietam e dominam, quando os pinheiros das sementeiras lograram enraizar, fixar-se e impôr sua força, embora trazendo impressos os da orla marítima, mais expostos à braveza do tempo, no aspecto torturado de seus troncos e ramagem, os vestígios eloquentes da luta tremenda em que, por mão do homem, se envolveram.

Para dentro, na terra bem firme, desde muito



Pinheiros resinados (3.º ano) — Mata de Leiria

NOVIDADE LITERÁRIA

JESUS CRISTO
EM LISBOA

TRAGICOMÉDIA EM SETE QUADROS

POR RAUL BRANDÃO E TEIXEIRA DE PASCOAIS

(Transcrevem-se as primeiras cenas desta grande e empolgante obra dramática, mixta de sátira, de amarga filosofia, de alta inspiração política, obra estranha mas profunda, original e ímpar nas letras contemporâneas, fruto da colaboração entre o mestre insigne da prosa e o maravilhoso artista do verso que são Raul Brandão e Teixeira de Pascoais)

PRIMEIRO QUADRO

(Na serra. Grande cozinha enegrecida, de telha vã. Pavimento térreo, três degraus, mais baixo que o exterior. O lar, o lume, os poles, a masseira e o forno. Duas grandes caixas de pão, escuras e puidas. Ao fundo, porta e janela estreita. O Cego está à lareira, hirto, com um pau na mão. A Ama e a Moça tiram o pão do forno. Fim de tarde. Ouve-se malhar na terra.)

CEGO, AMA, MOÇO E MOÇA

AMA — Vê se anda o sol na eira.
MOÇO — Escondem-se o sol. Acabou a malha.
CEGO — O milho não deve ir frio para dentro do alpendre.

AMA, para o Moço: — Vai tu e diz-lhes que tragam o milho ensacado para as caixas.

MOÇO — Sim, senhora Ama. (Vai a sair).
AMA — Espera. Leva o alqueire e o rasão. Onde puseram o rasão?

CEGO — Tudo desaparece nesta casa!
AMA — Não, pai! Não desaparece nada. O pai é que está sempre desconfiado.

MOÇA — O rasão pô-lo vossemecê em cima do forno, no dia em que mediu o milho para a feira.

AMA — Passa-mo para cá. (Para o Moço): É tu, anda! (Para o Cego): Vossemecê está sempre desconfiado. Se me desse as chaves...

CEGO — As chaves guardo-as eu. (O Moço sai).

AMA, para a Moça: — É tu cobre-me essas broncas. Não as deixes ressurar. Põe a mesa. É preciso ir à pipa buscar vinho. (Para o Cego): Vossemecê não larga a chave da adega.

CEGO, procurando a chave em todos os bolsos: — Uma chave! Arcas fechadas, salgadeira fechada, tudo fechado! O homem não vence a mulher a meter para dentro com uma pá e ela a deitar para fora com o bico duma agulha. Parecem-me ontem que o vinho já estava azedo. Quando Deus quiere, deixaste o casco desabotado.

AMA — Não deixei: (Para a Moça): Vê se a panela ferve. Mete-lhe as couves. (Sai com a infusa).

CEGO, sempre sem se mexer, para a Moça: — É diz-me cá, Moça: o céu está limpo?

MOÇA — Estão nubes.

CEGO — É que este ano andam as trovoadas com a lua. É diz-me cá moça: a chave está na caixa grande?

MOÇA — Não, senhor.

CEGO — É diz-me cá, mas fala verdade, que eu não digo nada: a tua Ama tem ido ao pão?

MOÇA — Não, não vi.

AMA, entrando com a infusa de vinho: — É põe-te a falar e as couves por cozer! É não tardam aí os homens para a ceia!

MOÇO, entrando: — O senhor José manda dizer ao Amo que o milho está seco; e recolhido no alpendre o que se malhou hoje.

AMA — Bem, que o tragam. É guardaste tu os animais e deste de comer ao gado na corte?

MOÇO — Sim, senhora Ama.

AMA — E as ovelhas andaram no Fojo?

CEGO — Onde pasta o boi e depois o burro, encontra ainda o dente da ovelha que rapar.

MOÇO — Ó Amo, diz que o campo do Fojo já deu três carros de pão?

CEGO — Sim, quando o Senhor andava pelo mundo.

MOÇO — Ah!

MOÇA — Ó Amo, pois o Senhor já andou pelo mundo?!

AMA — Pois andou.

CEGO — Então falavam os animais, como hão de falar no fim do mundo. (Para a filha): As chaves?

AMA — Para que queres o senhor pai as chaves?

CEGO — As chaves devem estar na minha mão.

AMA — O pai não vê, o pai está velho. Deixa-se ao canto do lume, que eu governo.

CEGO — Mas quem manda por ora sou eu.

AMA — As chaves não saem mais da minha mão, que eu tenho muitos anos para viver. O pai tem mais de dois carros.

(Entretanto a Moça põe a mesa).
CEGO — Noventa anos!

AMA — Eu sou sua filha. (O Cego curva a cabeça, suspirando). E quem não vê, não pode governar.

CEGO — Não vejo... não vejo... Sinto tudo. Sei tudo. Sei o que tu não sabes. Ouço todos os passos que se dão na casa. Ouço o gato, de noite, porque não durmo; e, de manhã, o rapaz ao abrir a corte. Ouço os passos da morte, quando o sobrado estala. Os cegos ouvem tudo, vêem tudo. Ouço mexer aquela sombra que além está à porta.

AMA — Não está lá ninguém...

MOÇA — Quem está aí?

MOÇO, espantado: — Ninguém.

CEGO — Ah, isso está!

OS MESMOS E OS JORNALHIROS

(Anolece).
OS JORNALHIROS, entrando: — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

AMA — Para sempre louvado!

UM JORNALHEIRO — Vamos à ceia...

AMA — Tira o caldo.

(Caldo nas malgas. Abancam. Só o Cego fica na lareira, com a malga pousada nas pernas. O Moço e a Moça sentam-se na extremidade do banco. Comem em silêncio).

AMA — Quem falta?

UM JORNALHEIRO — Falta os que andam no monte e o José que vai trazer o milhão.

(Na mesa passa-se o vinho, passa-se a broa, etc.)

CEGO — Deixem-me ver o grão. (Um homem dá-lhe uma mão cheia e ele trinca-o): Está bom, está seco.

UM JORNALHEIRO — Com este sol!

CEGO — Como é bom ouvir cantar o grão, no

cair nas caixas! É como este cheiro a farinha, o cheiro do pão do forno... Não há nenhum que se compare. Regala.

UM JORNALHEIRO — O pão ainda está quente.

AMA — É ficou bem cozido. (Para o Cego, dando-lhe a broa, a que ele tira um bocadinho): Vossemecê não coma tanto, que adoce.

CEGO, cheirando uma cõdea e metendo-a no bolso: — Que sombra é aquela que ali está, no cunhal da porta?

AMA — Se vossemecê não vê, como teima que está lá uma sombra!?

UM JORNALHEIRO — Não vi ninguém quando entrei.

CEGO — Sinto fôlego vivo.

AMA, vendo a sombra: — Ó tio! (Ninguém responde). Ó tio, vossemecê não ouve? Diz-lhe lá que se chegue, se quere uma tijela de caldo.

CEGO — Mas não o deixeis dormir no palheiro.

MOÇO — É um probe de pedir.

AMA — Pois que entre.

OS MESMOS E JESUS CRISTO

(Jesus entra, embrulhado numa capa de pedinte, com uma sacola e um pau. Não diz palavra. Silêncio).

AMA, estranhando: — Home! Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo?

OS OUTROS TOTOS, erguendo-se: — Para sempre seja louvado!

(Jesus não responde).

AMA, repetindo: — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Então vossemecê não sabe salvar? Como se salva na sua terra?

JESUS — Salve-a Deus.

AMA — Nosso Senhor é Jesus. Com ele queremos viver e morrer. Vamos, sente-se. (Para a Moça): Dá-lhe uma malga de caldo.

(Jesus senta-se no lópo da mesa. Rumor. Passa-se a infusa. Vozes: Mais um bocadinho de pão, etc.)

CEGO — Pst! Moça, ele como é?

MOÇA — É um probe de Cristo.

CEGO — Bem sei, mas como é?

MOÇO — É lindo e novo!

PRIMEIRO JORNALHEIRO — Tão novo e a pedir! Bem podia trabalhar!

JESUS — Não peço pão nem dinheiro.

CEGO — Oh! Então que esmola queres vossemecê?

JESUS — Uma esmola que não vale dinheiro e não há dinheiro que a valha!

AMA — Que palavras éle diz!

JESUS — Digo o que já disse há dois mil anos!

CEGO — Há dois mil anos! É dizem que sois novo!

JESUS — Encarnei, como vós. Vesti-me da poeira dos caminhos.

MOÇA — Que voz!

AMA — Vossemecê vem de longe?

JESUS — Vim aqui bater à tua porta...

AMA — Mas de onde vem vossemecê!

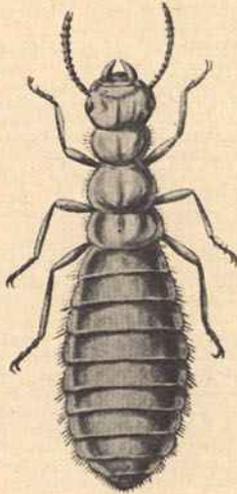
JESUS — De além das nubes... (Um Ah! de espanto em todos).

VIDA SCIENTÍFICA

A FORMIGA BRANCA

A luta pelo domínio do mundo deve ter-se travado entre os mamíferos e os insectos. Ainda hoje são estes os maiores inimigos do homem, os que lhe transmitem graves doenças e os seus concorrentes mais perigosos no consumo de substâncias alimentícias. Têm, como o homem, vida social, constroem habitações, organizam milícias com que defendem as suas cidades e mantêm a ordem dentro delas, dispõem os indivíduos em classes ou castas a cada uma das quais corresponde determinada função. Não falam, é verdade, mas parece que se entendem por contacto de antenas ou por leves ruídos que produzem, por exemplo, apertando as mandíbulas. É, na verdade, maravilhoso o mundo dos insectos.

Muito se tem escrito sobre as abelhas e suas repúblicas em que tudo está ordenado

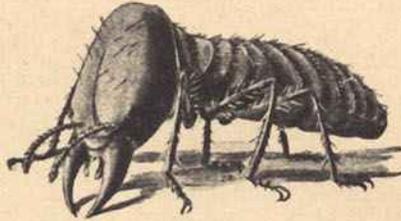


Termita da casta das operárias

e, ao que parece, disposto com o fim principal de assegurar a conservação da espécie. Conhecem-se as guerras entre as formigas, os seus planos de ataque e de defesa as suas expedições para obter escravas que, internadas no formigueiro das vencedoras, se habitam à nova casa, a têm como sua e a defendem, sujeitando-se aos serviços domésticos. Ainda no ano findo se publicaram observações de extinção de lume por indústria de formigas. Eram pequenos pavios ardendo que se introduziam no formigueiro e que as formigas apagavam lançando contra a chama jactos de ácido fórmico e, finalmente, abafando-a com o próprio corpo. Formigas heroínas, que assim se submetiam à morte pelo fogo para defesa da comunidade.

As chamadas formigas brancas ou termitas são dos mais curiosos entre os insectos.

Na verdade, não são brancas, mas da cor da terra que as envolve, em geral amarelada, acastanhada ou negra. Vivem nas regiões



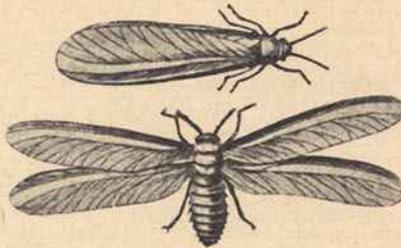
Termita da casta dos soldados

quentes e temperadas do globo e repartem-se por cerca de 1.500 espécies.

As suas casas, os seus ninhos, quasi sempre subterrâneos, assinalam-se exteriormente por elevações múltiplas que comunicam por corredores interiores. Mas há também ninhos aéreos, solidamente ligados aos ramos das árvores. As construções são rijas como de cimento, fabricadas de terra amassada com saliva e, frequentemente, revestidas por dentro e por fora com um verniz que as formigas segregam. Galerias escavadas por baixo da casca das árvores permitem às formigas passar dos seus ninhos subterrâneos para os extremos dos ramos, onde vão colher alimento, sem perigo de se defrontarem com qualquer dos seus implacáveis inimigos.

Esses inimigos são principalmente os animais carnívoros e os insectívoros. Antes do começo da estação das chuvas, saem dos ninhos nuvens de pequenos insectos alados sobre que roedoras, aves e reptis fazem fácil presa. Alguns povos selvagens apanham também montões desses insectos que comem depois de torrados.

Os termitas sustentam-se da celulose que encontram nas ervas, nas folhas e ramos das arvores, na madeira secca, papéis, cartões, estofos, etc. Comem por dentro, com



Termitas alados saídos dos ninhos

a mesma facilidade, uma viga ou um atado de documentos, de modo que estes se reduzem a poeira e cai o telhado que a viga sus-

tentava, antes que alguém tivesse conhecimento do desastre que se ia preparando. Os alimentos são carregados para celeiros dispostos no interior do ninho e, quando são ervas verdes, a sua fermentação aquece a residência dos termitas. São casas com *chauffage* central.

Quem trata dos abastecimentos são as operárias. Há mesmo duas espécies; uma que tem a seu cargo esse serviço e outra que se dedica a trabalhos domésticos. As primeiras são de maiores dimensões: só elas comem, digerem e dão alimentação à rainha, ao rei, à criação e aos soldados. As segundas procedem aos serviços de limpeza, transportam os ovos que a rainha põe incessantemente e cuidam deles, sendo todo esse trabalho dirigido pelos soldados.

Estes diferem consideravelmente das operárias. Têm fortes mandíbulas e alguns dispõem de um aparelho especial com que projectam, à distância de alguns centímetros, um liquido viscoso e anestésico. Mantêm a ordem na cidade e defendem-na de quaisquer



Ninho de termitas com elevações múltiplas que comunicam internamente

inimigos, protegem as operárias quando estas saem em busca de provisões, parece, enfim, que são elles os senhores ou tiranos do povo termita. Mas não são. Quando as operárias reconhecem que o exército é demasiadamente numeroso para as necessidades da colónia, sacrificam certa porção de militantes, o que facilmente executam não lhes dando de comer.

Há uma rainha. É de enormes dimensões relativamente aos outros termitas: um verdadeiro sacco de ovos, incapaz de se mover, cuidada e alimentada pelas operárias. Ao rei, príncipe consorte de somenos categoria, não é dada importância alguma.

Aqui está o que de mais interessante se conta sobre a vida dos termitas, povo que ataca e corroi os madricamentos das habitações humanas, sejam ricos palácios, sejam simples palhotas, e que devemos, portanto, contar entre os inimigos que podem causar-nos maiores prejuizos.

F. MIRA.

BÚDA CANONISADO

VIDA E OBRA DE S. JOSAFATE



Era uma vez um rei, um desses reis magníficos da misteriosa Índia, sempre envolta na bruma dourada da lenda e do mistério. Avenir se chamava ele e, como a sua faustosa existência caminhava já na linha curva do ocaso, sem que o destino lhe tivesse ofertado um herdeiro, os seus lamentos e os dos seus vassallos ecoavam por todo o reino.

Sentia Avenir que desceria à tumba sem deixar na Terra um varão que, tomando o seu sceptro, reinasse, dominasse e defendesse o reino dos grandes inimigos, que eram muitos. Gastava o melhor da sua vida em combatê-los e eles, animados por misteriosa força, que nem com a ajuda dos deuses e dos ídolos lograva vencer, cada vez eram mais aguerridos e poderosos.

Não pertenciam àquela espécie de adversários que se esmagam pelo poder das armas. Estas, manejadas contra eles, era como se as brandissem contra o vento que geme sob a entulhada mas não recua. Avenir tinha a obsessão dos servidores de Cristo, os adeptos de uma nova religião que mansamente, persistentemente, como água de uma enchente irresistível, iam alagando o reino, ameaçando subverter a ordem estabelecida, sobre a qual assentava, como estátua em pedestal, todo o seu poderio.

Ignorava o atribulado soberano que a força de uma ideia ou o ímpeto de uma fé não se detêm a ferro e fogo, e que o martírio do crente cimentava a crença. Por isso, notando que não lhe chegava tória a sua vida para vencer a enorme batalha encetada, desejava continuar num filho a rude peléja em favor dos antigos deuses e do velho reino.

Ou porque os ídolos se compalescessem do seu desespero ou porque assim tivesse de acontecer, a rainha deu à luz uma criança, um lindo menino — lindo como não havia outro por toda a Índia.

Nesse filho pôs Avenir todas as esperanças e, porque muito o amava e o queria feliz, mandou construir longe, no alto de uma montanha, um maravilhoso palácio, recheado de riquezas, de requintados adornos, de magnificências que só

na lendária Índia se podem conceber. Chamava-se o menino Josafate e, para servi-lo, escolheram pagens e aios de confiança que juraram criá-lo sempre no meio dos maiores deleites, nunca lhe deixando conhecer as misérias da vida prosaica e mesquinha.

Nos salões deslumbrantes e nos jardins rescentes de perfumes cálidos e embriagadores, Josafate cresceu e medrou. E quando chegou à idade de aprender, como era de inteligência subtil e gênio dócil, seu pai mandou-o ilustrar por sábios de grande nomeada que lhe ensinaram a ser feliz.

Mas parece que a felicidade não se aprende com lições de mestre porque o pequeno apresentava aspecto melancólico e scismador. Nem todo o conforto do palácio, nem o melhor carinho dos pagens, nem a sabedoria dos sábios o tornavam venturoso.

Estas notícias punham em alvoroço o es-

trémido coração do pai, que se lembrava de que os astrólogos, consultados à sua nascença, haviam predito, que o príncipe viria a ser um grande homem, convertido à nova fé, à fé daqueles cristãos odiados e combatidos.

Mostrava o rapazito, porque então já era um adolescente, grande curiosidade em conhecer o mundo e, como o seu mestre e vigilante opinasse que umas digressões mais amplas, fóra do palácio, não lhe causariam prejuízo, o rei enviou-lhe belos cavalos ricamente ajazados para o jovem passear — mas que não o deixassem vêr as imperfeições do mundo, nem lhe oferecessem espectáculos que lhe causassem dano ou desgosto.

Todos os cuidados, porém, foram poucos, porque o príncipe Josafate, um dia, na volta de um caminho, topou com um manco. Produziu-lhe o caso tanta impressão que não resistiu a perguntar a um dos pagens:

— Porque é, assim, tão estranho aquêlo homem?

— Porque é aleijado — explicou-lhe o servo.

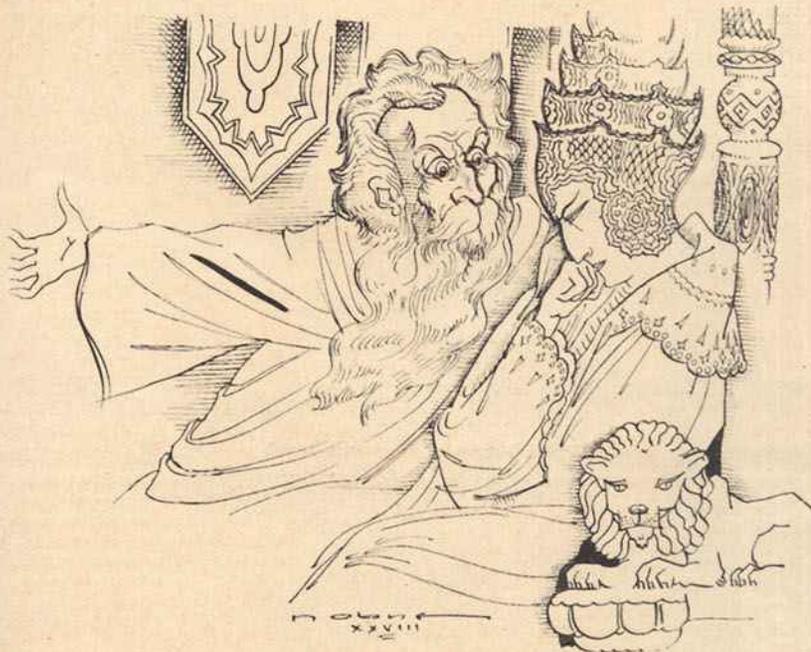
— E aquela desgraça pode acontecer a qualquer de nós?

E sabendo que sim ficou o príncipe meditativo e triste, não voltando a formular outra pergunta senão quando viu um cego. E sabendo que, afinal, a perfeição não era penitência de toda a humanidade e que a vida não era um dom perpétuo, achou — e muito bem — que o mundo estava muito mal feito.

Em pouco alteraram estes factos a vida de Josafate. A sua existência, um pouco melancólica, é certo, continuava, entretanto, a decorrer suave, como aquêles ribeiros mansos de águas límpidas, que deslizam brandos e tristes entre as margens verdejantes que os cobrem de lútuosas sombras.

Um dia apresentou-se no palácio um velho, crestado pelo sol, barba hirsuta, vestimenta pobre e suja, aspecto sórdido. Era um santo, mas ninguém o supunha. Desejava falar ao príncipe.

— Para quê? — pre-



guntou-lhe o mestre e vigilante de Josafate, considerando-o de olho desconfiado.

— Venho de longe, muito longe, de terras longínquas e trago uma pedra preciosa que quero dar de presente ao príncipe.

E, afagando com a mão ossuda, a longa barba de linho, enumerou os dons maravilhosos da pedra que trazia: alumia a vista aos cegos, abria as orelhas aos surdos, restituía a palavra aos mudos.

Assombrado, pediu-lhe o mestre que lhe mostrasse primeiramente a pedrinha mágica.

São Barão — porque outro não era o velhote de aspecto sórdido, queimado, curtido pelos soes e pelas areias do deserto — teve um sorriso mofo e respondeu-lhe que a sua pedra, só a podiam ver as pessoas puras de corpo e alma que nunca houvessem praticado o mal, e como adivinhava nos olhos do mestre as scintilações do pecado não lhe mostrava para que ali não quedasse imediatamente cego.

Reccando a cegueira e porque era, ao que parece, bom de convencer, o homem conduziu o santo à presença do príncipe. E, porque convém ao equilíbrio, rigôr e estética da narrativa, o temente à cegueira retirou-se, deixando sós o velho e o jovem.

E o santo então explicou ao que ia. Ia ao que os leitores já adivinharam se forem, como São Barão, pessoas perspicazes. Em resumo, contou-lhe que o mundo não era como o pobre e ignorante príncipe imaginava, mas como a Bíblia nos ensina: que ao princípio era o Verbo; que do caos fez Deus o Céu, a Terra e o Homem; que de uma costela d'este arrancou a Eva; que mais tarde enviou à Terra o seu Filho Jesus Cristo para redimir a humanidade rebelde e ignominiosa; que o Filho de Deus sofreu e morreu pelos homens; que ele príncipe, indiferente, alheio a estas grandes verdades, vivia no pecado e arriscava-se a ir parar ao Inferno.

Josafate deu-se logo por vencido e quis acompanhar imediatamente o santo monge para uma toca do deserto, a penitenciar. Barão não o deixou. Que ficasse, recomendou-lhe, e defendesse entre os infieis o nome de Jesus.

E retirou-se sem aceitar as cativantes oferendas que Josafate lhe queria doar.

Pôs-se o rapaz a meditar no que ouvira e resolveu seguir os conselhos do santo. Iniciou a prática de uma série de actos piedosos que o pai Avenir classificava de intolleráveis tropelias. E estas foram aumentando de volume a pontos de Avenir querer mandar prender São Barão, o que não conseguiu, porque o monge, lá no deserto interminável, estava a bom recato.

Mas os actos piedosos do príncipe eram tantos que, depois de lutas vãs, súplicas e ameaças, Avenir tomou uma resolução estranha, mas que não deixa de ser conveniente para o bom seguimento da formosa

história: dividir o reino em duas partes. Numa governava o filho, noutra ele, Avenir.

Foi o que o príncipe quis. Distribuiu pelos pobres tôdas as riquezas; destruiu os templos pagãos, substituindo-os por cristãos; mandou colocar cruzes em tôdas as torres; semeou à vontade a palavra sagrada do Evangelho. E o pai, por contágio, fez-se cristão, morrendo na humildade e no arrependimento. Por morte do pai, Josafate deixou o reino, abandonou o palácio, as honrarias, os confortos, as vaidades mundanas e entrou-se no deserto, por onde andou dois anos de privações, em busca de Barão. Quando o encontrou, o monge não o reconheceu. Josafate estava magro, queimado como um tição, os olhos encovados e febris.

Reconhecendo-se, enfim, abraçaram com alegria e, por muitos anos, viveram juntos no êrmo. Até que um dia, com um sorriso

dôce nos lábios crestados, Barão com mais de noventa anos de idade, despediu-se do companheiro e deixou voar a alma para o reino dos céus.

Josafate ficou só por muito tempo e a sua morte foi tão feliz e fácil como a do santo que o convertera.

Ora esta história que os leitores apreciaram não é da nossa autoria; foi, com muito mais ampla cópia de pormenores, vertida do hindu para o persa, não se sabe por quem. Mais tarde, na segunda metade do século VI, João de Damasco, que a Igreja Católica reconheceu por São João Damasceno, verteu-o em grego, tornando-a conhecida na Europa.

E como não fôsse vulgar encontrar-se um príncipe que, tocado pela graça divina, abandonasse, num admirável gesto de humildade, desinteresse e abnegação, as suas riquezas

incomparáveis para a pobreza e a miséria, se votar exclusivamente à causa de Jesus, a Igreja Católica, sem curar das origens desta lenda que ao tempo corria de boca em boca por todo o Oriente, canonizou Josafate. São Josafate está no calendário cristão.

Existem na Europa várias versões da vida d'este santo. Em Portugal há um texto em latim na Bibliotheca do Porto, é o códice n.º 45 do respectivo catálogo do século XV-XVI. Pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. O outro texto está escrito em português; é o códice do século XV-XVI, que foi pertença do Mosteiro de Alcobaça, e encontra-se presentemente na Torre do Tombo.

Mas o mais curioso é que este santo nunca existiu. O que São Damasceno verteu para grego foi, mais ou menos adulterada, a vida de Buda, que nasceu 624 anos antes da era de Cristo.

Josafate é a corrupção do nome Buda, que tanto Damasceno como os cristãos do Oriente escreviam *Iusaf* e *Iudasaf*, pelo árabe *Budasaf* e *Budasaf*, que são o pali *Bodhisattva* e o sânscrito *Bodhisattva* — Bodisátua, futuro Buda.

Foi assim que, pelo desgaste de umas letras, que o tempo comeu e a pronúncia de vários povos arreveçou, que, subrepticiamente, a lenda de Buda — que é a história de um Demónio odiado pela Igreja — entrou no «Martirologio» com o título de *Vida de São Josafate*.

Parece realmente uma partida do diabo.
MÁRIO DOMINGUES.





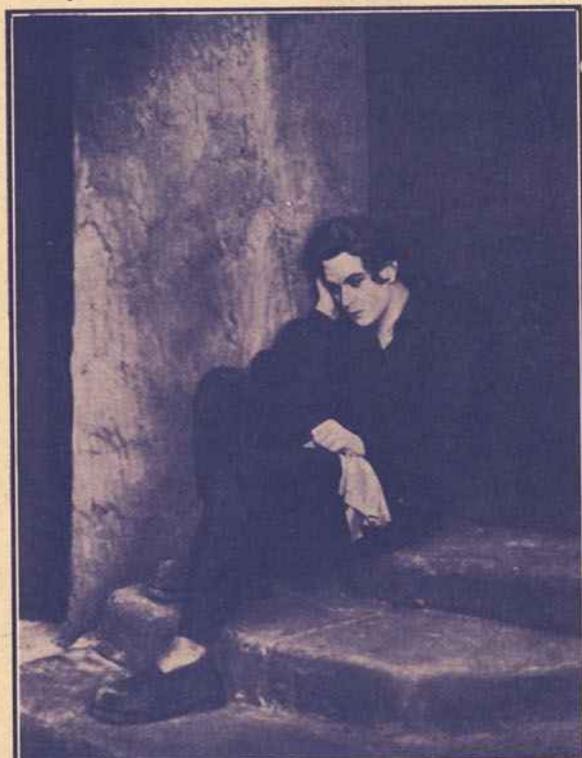
ANTÓNIO CARNEIRO — Rua de Aldeia (AGUARELA)

(Da colecção do Ex.^{mo} Sr. Dr. João Luiz da Fonseca)

metropolis



METRÓPOLIS É UM DOS MAIS FORMIDÁVEIS FILMES DO MUNDO. NAS PÁGINAS QUE SE SEGUEM NARRA-SE O ARGUMENTO DESTA PORTENTOSA OBRA DE ARTE MODERNA — Filme de Fritz Lang. — Argumento de Theda Von Harbou



dial, como os nervos se ligam ao cérebro. É ali que está Joh Fredersen, o cérebro de Metrópolis.

Os homens, para ele, serão homens? São apenas factores dos seus cálculos, apresentam para ele apenas interesse na medida em que os utiliza como mãos que accionam as máquinas gigantes da grande cidade. Para eles e para que nem uma polegada de terreno seja perdida, cavou a cidade operária subterrânea, décima maravilha do mundo. Esta cidade, noite e dia iluminada com a mesma luz fria, não conhece o tempo. O labor dos operários é dum ritmo ininterrupto. Sobem em levadas das profundidades que habitam até às fábricas em que trabalham e depois voltam ao mais fundo da cidade fria, perpetuamente fria.

Metrópolis, porém, é dominada por um grupo de moradas imponentes, a «Casa dos Filhos», onde estão a Universidade, as bibliotecas, o estádio e os jardins eternos. As mais belas

raparigas da cidade, cuidadas como orquídeas preciosas, ali estão cumprindo o único dever de serem belas. Ali reina a alegria, os gozos e o prazer do corpo e do espirito. O mais feliz e alegre de todos é Freder, filho único do amo do mundo, Joh Fredersen.

Mas um dia entra a porta dos jardins eternos uma formosa mulher, de vestidos grossos, tendo como diadema os seu cabelos de fogo, os olhos carregados de piedade. Em roda dela há um enxame de crianças lindas, miseráveis, esfarrapadas, cujos olhinhos maravilhados se não cansam de contemplar aquele reino de beleza e de luz. São os filhos dos operários da cidade subterrânea. A formosa e estranha rapariga diz às crianças, apontando-lhes os formosos e fortes habitantes da cidade do prazer e de Beleza:

— Vede!... — Eis os vossos irmãos!

Os lacaios dos «Filhos de Metrópolis» espalham a iluminada e os garotos famintos. Os jardins eternos recobram a sua serenidade. Mas Freder compreendera tudo e decide descer àquele mundo que se revelára ao seu coração cheio de piedade. Entra na célebre galeria das máquinas de Metrópolis. O sofrimento ali é o manho que Freder vai implorar de seu pai piedade para os escravos da máquina e do progresso. Mas o cérebro de Metrópolis é surdo e Freder, obedecendo às ordens da sua consciência, vai procurar a linda rapariga que despertou nêle a alma. Salva o secretário de seu pai por este banido, e que ia suicidar-se, e manda-o para casa, apontando a morada. Depois penetra nas fornalhas centrais, a zona ardente de Metrópolis. Georgi, um jóveme operário, extenuado, caiu aos pés da máquina insensível. Freder troca os fatos com os d'ele e envia-o para casa do secretário de seu pai, tomando lugar ante a caldeira. Mas Georgi, seguido por ordem de Joh Fredersen, que se enganou, julgandose pelo vestuário, seu filho, sentindose liberto, perde-se no mundo do prazer. Entra no alucinante Ioshiwara.

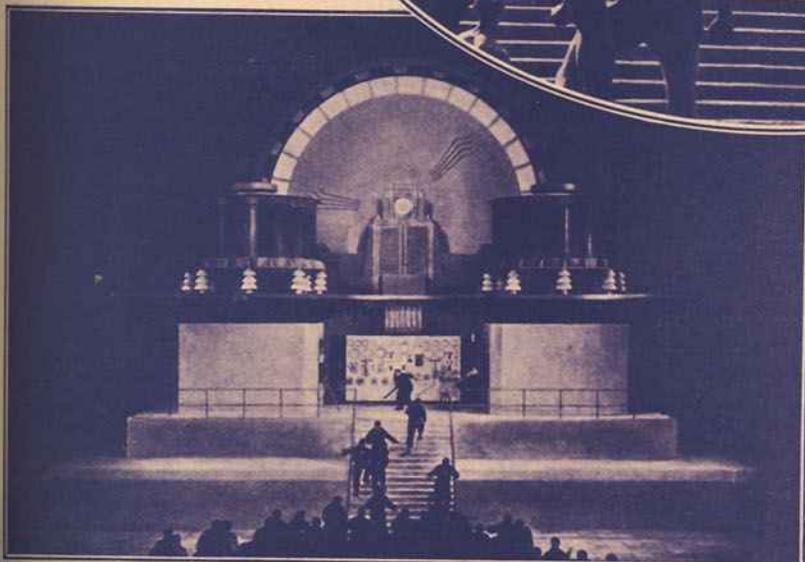
Nessa noite Fredersen foi visitar Rotwang, o homem mais estranho de Metrópolis, inventor de quasi todas as maravilhas técnicas da cidade-nova. Que trágico destino unirá estes dois homens



A cidade formidável — Metrópolis — ergue para os céus o seu símbolo de pedra, a cidade das cidades, cujas casas são como que gigantes blocos amontoados.

Um homem criou Metrópolis, Joh Fredersen, que também ergueu a nova Torre de Babel, centro de energia e do trabalho. No alto da torre veem ligar-se os fios da actividade mun-

Fredersen roubou outrora a Rotwang a mulher, que este não deixou de amar perdidamente, a formosa Hel, que morreu depois de ter dado à luz Freder. O inventor transformou-se num artista prodigioso. Criou um ente de vidro e metal, que se move como um homem, sorri, chora e é dotado da palavra maravilhosa. A este maravilhoso autómato deu a semelhança perfeita com Hel. Joh Fredersen está paralizado de espanto e só a pedido de Rotwang explica porque veio. Traz dois planos que o chefe de oficinas, Grot, achou nos bolsos de dois operários vítimas duma acidente e que parecem não ter explicação. Rotwang reconhece os planos das catacumbas milenárias de Metrópolis e desce a elas com Fredersen. Ai, surpreendem uma teoria de operários, milhões, que ouvem a voz inspirada da rapariga de cabelos fulvos, que lhes diz que a Torre de Babel ruirá, porque

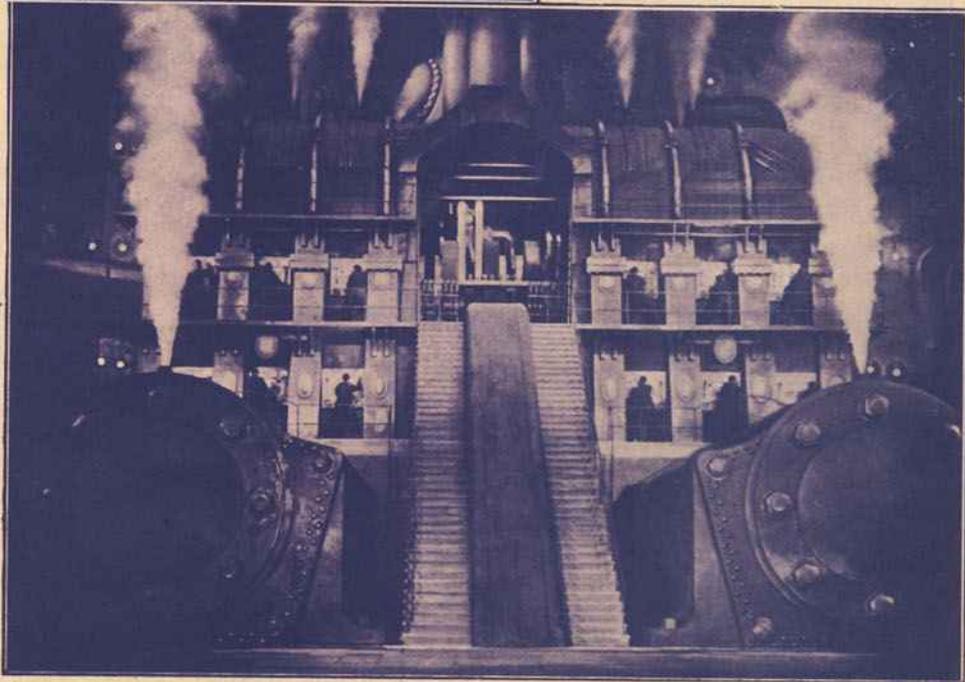


seu pai tem-na nos braços, amorosamente! Julgando ser a verdadeira mulher que ama, Freder cai, aniquilado.

Rotwang, em presença de Joh, faz com que o autómato que reproduz Maria danse o bailado da tentação. Joh crê que chegou o momento de se servir daquela mulher artificial para sublevar os operários contra si próprio, conduzi-los à borda do abismo e reduzi-los, depois, à sua mercê. Mas Rotwang também os seus projectos. A falsa Maria vai através Metrópolis destruindo os laços da amizade e do amor. É a grande e insaciável corruptora. Os jardins eternos estão desertos. A mocidade aniquila-se no Yoshiwara. Estala a revolta, dominando tudo e destruindo a cidade monstro que só depois se reconstruirá pelo cérebro de Joh e as mãos dos que trabalham, quando já Freder e Maria, a operária, unidos, são o élo condutor, o coração.

entre o cérebro que pensa e os braços que executam, falta o mediador: o coração. Alguém se oferece para mediador. É Freder. Só Rotwang o reconhece e planeia vingança sinistra. Incita Fredersen, o pai, a dar luta aos operários. Combinam dar ao ente artificial o rosto de Maria, a operária dos cabelos fulvos. Para isso é necessário, apoderarem-se de Maria. Rotwang assim faz, depois de ela ter marcado encontro a Freder, no dia seguinte, na Catedral.

No dia seguinte, Freder começa o seu calvário de delusões. Sabe que Georgi o traíu pelo prazer da libertinagem. Maria também não vem à Catedral. Passando à casa de Rotwang ouve os gritos de Maria. Consegue forçar a moradia sinistra do inventor, mas não a encontra. Rotwang, sarcásticamente, diz-lhe que envie a linda operária para casa do pai, Joh Fredersen. Efectivamente, Freder vai encontrar em casa de seu pai a reprodução artificial de Maria... e



FEMI NINA



NO MEDALHÃO (ao ce-
tro): — LUCIENNE LE-
GRAND, A DELICIOSA
«VEDETA» DO ECRA
FRANÇÊS CONTINUA
PREFERIR A ELEGAN-
CIA SIMPLES DO FEL-
TRO ORNAMENTADO
COM UM RICO «CABO-
CHON» DE PEDRAS
FINAS



EM CIMA: — MISTINGUETT, A RAINHA DAS REVIS-
TAS PARISIENSES, COM UM CHAPÉU DELICIOSA-
MENTE ORIGINAL EM FELTRO LAVRADO E GRANDE
PLÔR DE VELUDO

EM BAIXO: — UMA CRIAÇÃO ELEGANTÍSSIMA DA
CASA ESTELLE. CASACO EM VELUDO NEGRO GUAR-
NECIDO A ARMINHO BRANCO, CONFECIONADO PARA
A NOVA «VEDETA» DO «BOULEVARD» JANE AUBERT

À DIREITA: JANE AUBERT ALIA A SUA FORMOSURA
UM GRANDE REQUINTE DE ELEGÂNCIA E DE BOM
GOSTO NA ESCOLHA DAS SUAS «TOILETTES». PARA
PROVA ESTA ÉSTE LINDO MODELO DE ESTELLE
EM VELUDO NEGRO E CRÊPE DA CHINA BRANCO

NO MEDALHÃO, (à direita do título): — UM CHAPÉU
ORIGINALÍSSIMO EM FAÏLLE NEGRA PLISSADA,
CRIADO POR JANE BLANCHOT PARA A FORMOSA
ARTISTA LUCIE CAFFARET

(Fotografias dos Studios G. L. Manuel Frères).

O INVERNO NO NORTE



Vista do Porto em dia de chéu

Miss Marquenet Osborn está longe de ser uma escritora notável. Se lhe oferecermos o espelho côncavo do bom humor para ela se mirar, vê-la-hemos como uma espécie de dactilógrafa das letras. Aliás nas fotografias em que a tenho visto reproduzida — Miss Osborn aparece sempre, com o ar de uma empregalita de escritório, tecendo na sua Remington.

Para nós, portugueses, possui ela um inamável de atracção: gosta de Portugal. Não sei quando cá esteve nem o tempo que se demorou — mas, sempre que pode, aproveita-se do que por cá viu, lê e escutou para scenografar uma paisagem, para architectar uma figura, para evocar um episódio histórico. Encontramos Portugal nos seus romances sensaborões, nas suas operetas piégas, nos seus dramas de faca e alguidar. A sua celebridade, em Inglaterra, vem precisamente de um longo folhetim — «The Red Hussaco» — em que mete à bulha, pelo amor de uma

cândida aldeã portuguesa, os oficiais britânicos que tinham vindo a Portugal

ajudar-nos a expulsar as tropas napoleónicas.

Mas, de tóda a obra lusitana desta ingléssima escritora existe um comentário, entre exageros, deformações e tarlatanas de fantasia — com um singular valor de observação. É no seu livro de viagens «Postcard».

Diz:

«Viajando por Portugal dá-se, em dias, a volta ao mundo. Em Portugal encontram-se, em *specimen* paisagens de tóda a parte. São os portugueses mui ciosos do carácter das suas belezas — quando o que existe verdadeiramente notável nesse país é a variedade de aspectos que recordam, um pouco, todos os continentes.»

É aproximadamente verdade... Nós, de facto, se não somos precisamente um album com fotografias cosmopolitas, coleccionamos nas paredes da nossa terra, do sul ao norte, pequenos croquis, desenhos a lápis, apontamentos vagos, mas não tão vagos que, ao con-



Cavebres ao frio da serra



Pratezes que só disfrutam os milionários nos Alpes e nós... ao pé do Porto



O rio Douro alastra, na inverneira, inundando tudo, conquistando as margens...

templá-los, não se aponte logo, sem vacilações, o modelo que evoca.

Temos parte do Algarve, onde o casario com cubismos arquitectónicos, reverberando brancuras ao sol, é uma faixa recortada a Marrocos, ao Marrocos branco, ao Marrocos de albornoz alvíssimo... Ainda na mesma provincia, temos, aqui e além, na policromia das flôres, na orgia de ouro do sol e nos olhos das mulheres, pepitas da Andaluzia, franjas vermelhas de pandeireta sevilhana... E logo, no início fronteiriço do Alentejo, o Marrocos cinzento — o Marrocos rifeño... E depois, as planícies nostálgicas sobrepostas, as charnecas dos condados centrais da Inglaterra; a margem do Tejo, imitando na sua eterna viragem azul, o frizo das praias francesas do Mediterraneo; Coimbra, com a luxúria da sua vegetação emaranhada, lembrando o Midi; Aveiro e Ovar, golpeado de água, esperando a construção de palácios, para se espelhar em Veneza, ou em Bruges, ou no norte de Holanda; o Minho, «Salon» de aguas-fortes — que se julga furtado aos arredores de Florença... E já na última folha do album vem o inverno exhibir-nos, em tempestades e belezas — um pouco da Suíssa, e até um pouco de Nackford — na grandeza das suas fatilidades periódicas...

O Porto é, já por si, no inverno, uma gravura em madeira de certas cidades inglesas. A densidade dos seus nevoeiros frequentes, vestindo as casas, espiritualizando as ruas,

espelhando e alizando o calçamento, faz com que se esqueçam os arcaísmos inúteis para que sonhemos com visões londrinas...

Mas temos este Douro, tão manso e azul no verão e que ritmicamente, todos os invernos, se agita numa cólera epiléptica e se dilata e pula por cima dos cais e chega, por vezes, a amontoar as almofadas prateadas das suas ondas por cima dos primeiros telhados da Ribeira e do Penedo. E nesses dias, em que se navega de porta para porta, em barcos a remos, que de recordações cosmopolitas não se projectam no nosso espirito?

Superior ao espectáculo invernal das águas — vem o das montanhas. O Marão negro e engelhado, paquiderme adormecido, enroupa-

-se com o arminho immaculado da neve; atavias-se com as gases dos nevoeiros... E os homens das cidades do norte, não podendo ir à Suíssa, nem conhecer a «queda das nuvens» do inverno canadense, vão passar os domingos ao Marão, esquecidos que pertencem ao país de afamada ternura de clima e de sol perpétuo...

Os autos rodam, durante horas, como se, por milagre, as nuvens lhe oferecessem erguerem-no e levarem-no pelo ar, por sobre o dorso das montanhas...

Portugal podia praticar o seu sport de inverno. Nada lhe falta — nem a neve. Porque não o faz?

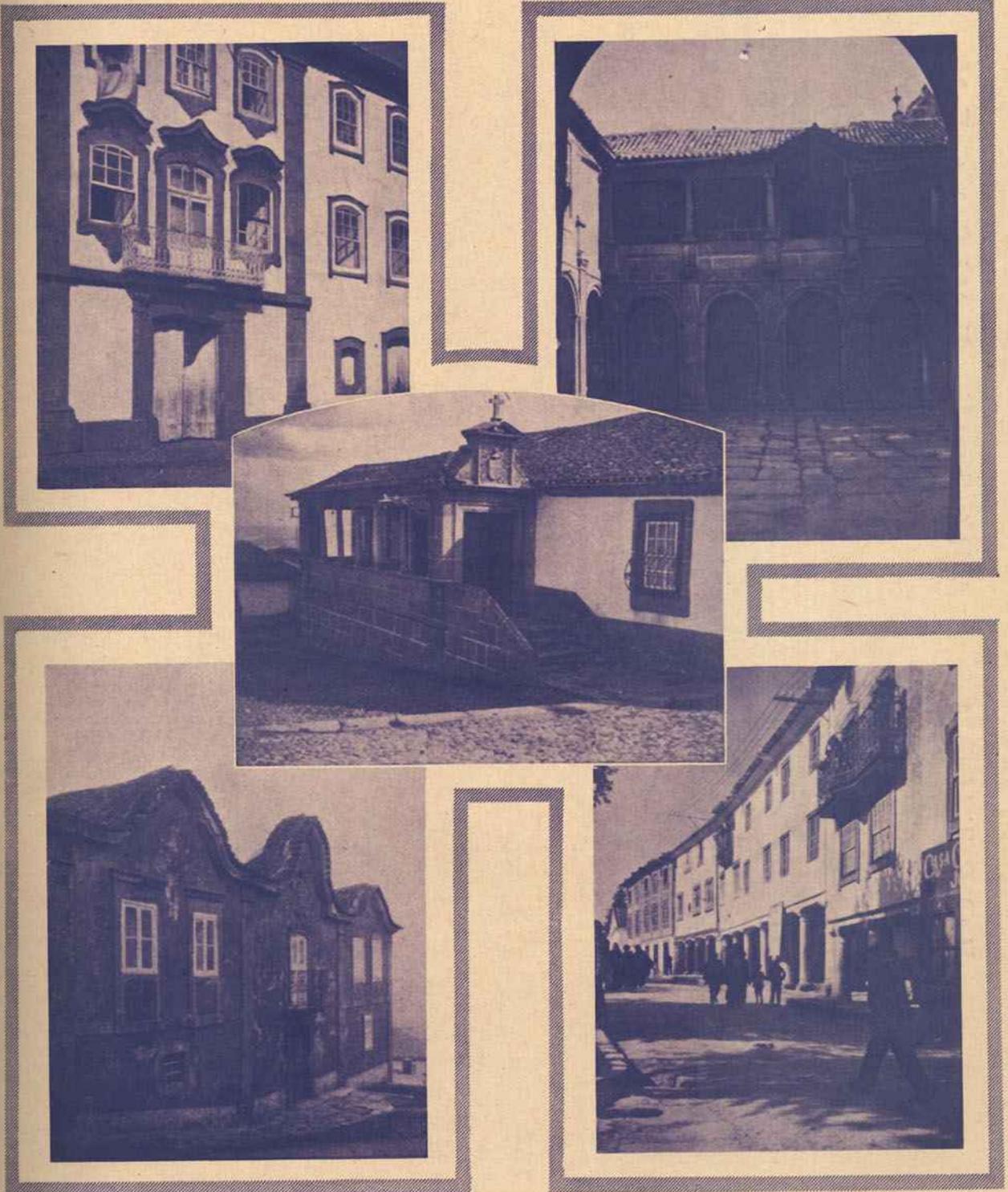
(Fotos Alvaro Martins) REPORTER X.



O Norte de Portugal tem aspectos da Suíssa nesta rigorosa inverneira...

A CASA PORTUGUESA

GUARDA



ALGUNS TRECHOS ARQUITECTÓNICOS DA VETUSTA

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM

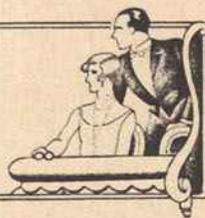
ILUSTRAÇÃO



COIMBRA, TERRA DE AMORES...



Teatro



OS NOSSOS ARTISTAS

(DESENHOS DE ROBERTO NOBRE)

AUSENDA DE OLIVEIRA

Eu não assisti a todas as fases da carreira artística de Ausenda, porque, levada pelo destino para longas terras, muito tempo andei arredada de Portugal e de seus acontecimentos.

Mas isso pouco faz ou nada sobre o que eu dela tenho a dizer, visto que o que venho aqui escrevendo sobre gente de teatro não obedece à regra estabelecida das biogra-

pedrinhas da fonte, aberta ao capricho da Natureza.

O fiozinho da sua voz tão cheio de ternura e a sua mocidade, que arde na fogueira do tempo sem se queimar, como eterna chama votiva, fazem dela uma figurinha quasi lendária de perpétua graça e perpétuo encanto. Que mais preciso eu, para julgá-la?

Que nos importa o esboço hesitante e tantas vezes retocado que serviu de base a uma obra prima?

As canceiras, os desalentos, as esperanças mil vezes mortas e mil vezes renovadas do artista, antes de realizar a sua obra, são, não o nego, um regalo para a nossa curiosidade doentia.

Mas é a sua obra, enfim erguida orgulhosamente do caos em que a sua consciência se debatia que deslumbra os nossos olhos e prende a nossa alma.

E foi assim que eu vi Ausenda...

ARMANDO DE VASCONCELOS

É dos bons tempos do teatro português e dos bons tempos da minha vida que data em minha lembrança a recordação de Armando de Vasconcelos.

Templos de glória e de apoteóse para a nossa arte em todos os géneros da dramaturgia e da música.

Por esses teatros, de número ainda reduzido, que então abriam ao público as portas da distração e do ensinamento da vida, esvoaçavam génios e cantavam rouxinóis.

E, em volta de uns e outros, havia inteligências mais modestas e vozes menos sonoras, mas que seguiam, respeitosa e atentamente, na esteira luminosa dos mestres, na ânsia de uma perfeição que pudesse chegar até eles.

No meio desses templos da arte de saber divertir com belesa e *linha*, destacava-se o Trindade, teatro onde reinaram em todo o esplendor Ana Pereira, Queirós, Augusto, Florinda, Amélia Barros, Portugal, Joaquim Silva, Leoni e tantos, tantos vultos gloriosos, que dariam para iluminar todos os palcos de Portugal.

Foi aí, nesse meio requintadamente artístico, que eu conheci Armando de Vasconcelos.

Muito fino, muito delicado de maneiras, Armando encantava os seus companheiros, que já no seu talento histrionico tinham razão de sobra para admirá-lo.

Em todos os papeis ele punha uma nota de distinção, e quer nas personagens de recorte sentimental, quer naquelas em que a força era visível, ele era sempre sincero e convincente.

Mas o estudo aprofundado que fizera da scena já não cabia dentro das atribuições restrictas de um simples interprete. Armando tinha sob a sua aparência debil e fransina, o arcaboço forte de um *meneur* de inteligências e vontades. E de um salto ágil e bem calculado ganhou a cadeira de ensaiador.

O que ele tem feito, nesse campo tão difficil da *mise-en-scène*, todos os que frequentam os teatros o conhecem.



rias, com datas e dados rebuscados nas recordações mais ou menos fiéis. São simplesmente impressões minhas, traços ligeiros, dando a figura sem curvas acentuadas e que resultam, muitas vezes, inuteis.

Não vi, pois, Ausenda na sua ascensão para o lugar que hoje ocupa no teatro musical.

Via, já senhora de si e mestra, na arte de dizer o *couplet* sem exageros, mantendo aquella justa medida, que é a bitola por onde se medem os valores autenticos.

A nova *estrela* que vim encontrar, no céu já tão constelado da arte da nossa terra, encantou-me logo, pela sua graça natural e espontânea, que brota, fresca e cantante, de seus ademanes, como o limo desliza pelas



Não há aí quem lhe leve a palma nas graciosas atitudes de um grupo bem escolhido, e nas evoluções de uma marcha de efeito.

Ele sabe inundar de luz os cantos sombrios do palco, sabe criar belesa, onde só há uma massa indecisa esperando o artista que há de dar-lhe forma e côr.

MERCEDES BLASCO.



Guyot no local do crime

Gastão Guyot, o milionário Barba-Azul, o estrangulador da linda telefonista Malou Beaulaguet, levantára-se bruscamente no ouvir o ruído estridente da porta da cela descerrendo-se.

Quem seria?

E pelo cérebro do assassino um relampago de esperança brilhou celere no desejo infinito de um indulto, uma comutação...

Na sua frente acabava de surgir uma jóven de olhar vivo, fitando-o num misto de curiosidade e receio.

— Pode fechar! dissêra ela ao carcereiro.

— Mas... Mademoiselle...

— Pode fechar! Necessito estar só com este senhor!

O carcereiro retirára-se num encolher de ombros semelhante ao gesto bíblico de Pilatus.

Anita Brandon, a famosa «repórter», completamente só com o assassino, descalçava as luvas lentamente. Após dificuldades infinitas, a ambicionada autorização fôra finalmente obtida e a entrevista com o mais terrível criminoso da França, ia finalmente ter lugar.

Guyot, que então aguardava na prisão de Melun, que a guilhotina cumprisse a sua sinistra missão, examinou a jóven furtivamente com o seu olhar extraordinariamente agudo. Os seus olhos, de um verde de víbora, eram dois estiletos que a perfuravam dolorosamente.

— Mademoiselle, a que devo o prazer...

E ao murmurar estas palavras, Anita Brandon compreendeu que necessitava chamar a si toda a sua força de vontade para subtraí-la à misteriosa força, à estranha atração dêsse homem terrível.

A consciência do facto de que o Barba-Azul milionário estava ali na sua frente procurando desenvolver toda a sua energia de fascinação, que o monstro nesse momento concentrava nêlo o mesmo fluido misterioso que arrastára à morte a infeliz telefonista «Malou», obrigou Anita Brandon a recuar, num gesto irreprimível de pavor e repugnância.

Não! A missão, era bem mais difícil do

NA CELA DO ESTRAN- GULADOR

(Entrevista inédita com o milionário Guyot, especial para «Ilustração»).

que à primeira vista pensára; retirar-se-ia, era preciso desistir da entrevista, dar uma desculpa na redacção, chamar o carcereiro, mas...

E o sentido profissional, o orgulho, a vaidade bem feminina de se sentir bastante forte para defrontar o mais perigoso dos homens, reanimara-a e num movimento decisivo, Anita Brandon empunhou o block-notes e iniciou a entrevista.

— Ah! exclamou Gaston Guyot, verifique que você é como todas... sente-se atraída para mim a pesar de tudo. Pois pode crer que eu sou sempre o primeiro a recomendar-lhe cautela comigo, a tentar afastá-las...

E com um sorriso sinistro, o assassino prosseguiu:

— Não me acusa a consciência de jámais ter sido desleal, bem vê, eu costume sempre avisá-las do fim inevitável que as espera, mas... as mulheres são seres caprichosos, recusam aceitar a minha prevenção e por isso teem pago severamente a sua loucura.

«De resto, eu tenho sido um simples instrumento do acaso em todos êsses acontecimentos. Algumas delas eram mulheres que até então tinham vivido da rapina e da pilhagem do meu sexo! Eram cortezãs que haviam arruinado gloriosamente os nababos mais célebres, provocado os suicídios mais sentimentais, os duelos mais irreconciliáveis!

«Sim, eu não sou um assassino vulgar, porque posso bem provar-vos que o meu crime não é uma morte banal, comum, ordinária no sentido mais amplo da palavra!

Uma gargalhada satânica sacudira-o num crise de desespero:

— Ah! Ah! Ah!... É que a mulher cuja morte me acusam, tinha simplesmente en-doidecido, estava louca por mim, convenceu-se de que eu era demasiado forte para continuar a ser o joguete dos seus caprichos, tal qual outros homens já o tinham sido. E na seqüência lenta da atração que a impelia para mim, reconheceu que se tornara a minha escrava. Na ânsia de reconquistar a sua liberdade, tentou dar-me a morte, matar-me... era preciso que eu desaparecesse.

«Que fazer? Em defesa própria, tirei-lhe eu a vida!

Anita Brandon escrevia em silêncio. Pela sua imaginação passavam as cenas descritas durante a audiência poucos dias antes.

Aquele homem, ali, a poucas horas da sua morte, tentava ainda justificar-se perante a



Guyot reconstituindo o crime

última mulher com quem por ventura conversaria antes de ser executado!

Não era, pois, o espectro terrível do patíbulo, a lamina reluzente da guilhotina prestes a decepar-lhe a cabeça, que parecia perturbá-lo. Esquecera já talvez os minutos intermináveis decorridos no automóvel após o estrangulamento e, depois, o revólver ainda fumegante contra o peito daquela que momentos antes estreitara nos seus braços de atleta. Que momentos ansiosos aqueles, enquanto a arrastara até à meda de feno, o riscar do fósforo comprometedor, as primeiras chamas azuladas entre o fumo acre arrastado pelo vento!

E... ninguém! Tudo corraera em segredo, a estrada lá em baixo continuava deserta no silêncio da campina, só cortado ao longe pelo silvo de um expresso.

Mas, poucos dias mais tarde, fôra preso, pronunciado. A audiência decorrera agitada e a sentença fôra lida por fim, soando aos seus ouvidos como os últimos compassos estranhos de uma sinfonia diabólica.

Anita Brandon não conseguia dissimular a repugnância que lhe causava a extraordinária hipocrisia do assassino. A vaidade imensa do estrangulador, ao ver-se assim alvo da curiosidade de uma das mais famosas jornalistas mundiais, tornava-o ainda mais repugnante.

Tirando da algebeira algumas cartas perfumadas, o Barba-Azul milionário prosseguiu:

— Veja! São cartas de mulheres que loucas de amor me teem escrito num última declaração quasi macabra, fascinadas pela atração que sobre elas exerce!

Anita Brandon inclinara-se. Eram cartas de mulheres de todas as idades e profissões. Alguns nomes eram-lhe conhecidos e os seus olhos recusavam-se erer no que viam.

Perante a impressão, que aquela parada de cartas amorosas suscitara, Guyot entusiasmara-se ainda mais e parecia delirar na manifestação inegável da sua estranha influência sobre os corações femininos.

— Porque eu sou o rei dos amantes, vangloriou-se êle, e seja qual for o meu fim ou

a minha sorte, tôda a posteridade considerará-me-há, pelo menos, um dos maiores conquistadores de mulheres de que há memória, um verdadeiro amante ideal!

Concluíra, num sorriso efêmero e repugnante:

— Sim... não é minha culpa que as mulheres me achem assim tão irresistível!

«Há quem me tenha assemelhado a Landru. É um insulto! Que era ele senão um desgraçado, feio e calvo que roubava às pobres mulheres as suas parcas economias?! Ficava-se um segundo silencioso para asseverar decisivo:

— Landru era um animal, não possuía uma alma como eu!

Sempre na convicção de que não seria guilhotinado, acrescentou:

— De resto, você compreende, eles não se atreverão a executar-me. Sabem bem que tôdas as mulheres de França se levantariam num movimento simultâneo para lhes pedir contas da sua acção! O meu nome está encaustado nas almas de milhões de mulheres. É evidente. Elas jámais poderiam consentir que um homem de uma tal galantaria como eu, viesse a perecer sob o cutelo infame da guilhotina como qualquer criminoso vulgar e asqueroso!

«Cria! eu hei-de escapar à guilhotina e em breve estarei em liberdade!

Numa expressão de tédio imenso, circundando os olhos de linco pelas paredes foscas da cela, continuou:

— É uma monstruosidade encarcerarem-me aqui nesta cadeia, em vizinhança com criminosos comuns. Eu, que penetrei nos «bon-doirs» mais elegantes de Paris, vejo-me atirado para aqui como qualquer imbecil que, numa hora de bebedeira imunda, anavalha uma cortezã barata!

Só após esta entrevista, a reporter Anita Brandon teve conhecimento de que Guyot tentara repetidas vezes obter a devida autorização para poder receber as suas admiradoras femininas. Essa licença fôra-lhe, porém, sempre recusada e sómente às pessoas que se relacionavam com o curso dos seus negócios, era permitida a entrada na cela.

A maior parte do tempo em que esteve encarcerado, passara-o ele na contemplação de inúmeros retratos de mulheres que tinham sido deixados em seu poder, lendo e relendo as cartas que estas lhe haviam enviado.

Ao próprio carcereiro costumava narrar as suas aventuras, as suas conquistas, descrevendo detalhadamente os característicos físicos e fisionômicos de cada mulher com quem travara conhecimento, nesta ou naquela ocasião, não esquecendo nunca de assumir uma atitude vitoriosa ao declarar-se o ídolo alvo dos aplausos a que se julgava com direito.



Guyot, no automóvel trágico, reconstituindo a scena do assassinato que o levou ao patíbulo.

Quando, numa hora de exercício, Anita Brandon pôde ver Gaston Guyot entre os seus companheiros de prisão, não pôde deixar de notar que as suas maneiras e o seu porte comparado com o dos outros presos eram, sem dúvida, extremamente diferentes, como que se julgasse bem mais superior aos que o rodeavam.

Ao ser interrogado porque motivo não falava com os seus colegas de cárcere, o Milionário Barba-Azul limitou-se a explicar com um encolher de ombros significativo:

— Mas eles são apenas a canalha vil da da sociedade! Eu não devo, não posso, evidentemente, dar-me com tal qualidade de gente! Bem sabe que eu sou um homem de coração e de sentimentos, que vivo simplesmente para tornar felizes os corações das mulheres que me adoram...

Este seu exagerado egoísmo, esta sua incommensurável vaidade, poderá dar talvez a chave que descerrará o mistério tenebroso d'este homem que nem sequer apresentou a desculpa sordida de Landru a negociar com a credulidade facilmente impressionável do sexo feminino.

Ao ser interrogada após a sua extraordinária entrevista, Anita Brandon declarou:

— Inúmeras mulheres anteriormente conhecidas pelas suas susceptibilidades intangíveis e pelo seu espírito forte, não tem tido pejo de afirmar que Guyot é o verdadeiro tipo do homem irresistível! Eu própria, a pesar de tê-lo sómente examinado sob um ponto de vista profissional jornalístico e crítico, não posso deixar de frizar que, por vezes durante o decorrer da entrevista, tive que chamar a mim tôda a minha força de vontade para poder resistir ao mistério da sua terrível fascinação!

Talvez que a magia dos seus olhos estranhos, esfingicos e serenos possa explicar o estranho poder desenvolvido pela sua personalidade sinistra e atraente.

A energia latente que emana de todo o seu ser só pode ser compreendida pelas pessoas que com ele falaram.

Dis-se-lhe que uma poderosíssima força

magnética irradia d'ele numa manifestação superior da sua vontade.

Durante todo o tempo da entrevista, teve perfeitamente a consciência de que ele estava tentando captar-me com a sua faculdade terrível e ainda de que eu com successo conseguisse resistir aos seus ataques invisíveis, não devo deixar de dizer, em homenagem à verdade, que certamente não conseguiria tão facilmente resistir-lhe se o acaso me tivesse atirado para a sua convivência, tal qual como as outras pobres vítimas o foram.

Tais são as palavras de Anita Brandon, a famosa reporter, acerca do mais misterioso estrangulador de todos os tempos.

Talvez que na moda dos pescoços nus sómente tocados pelas voltas graciosas de um colar perturbador e simples, resida a causa morbida d'esse novo processo de matar que numa vaga sinistra de estertor ameaça substituir o punhal antigo dos rivais despresados ou dos amantes esquecidos.

Porque todos eles afirmam sempre ter morto por amor e por ciúme.

Longe vão os tempos em que a mulher amada, — a única amada — trémula de comoção e pavor, do alto das muralhas acasteladas por detraz das rótulas discretas, assistia ao desenrolar do duelo de morte em que um dos rivais deveria ceder o seu lugar.

— Um de nós dois é demais neste mundo!

Tal era a frase do desafio. E prestes, arremeadas as espas, os espadins luziam ágeis num telintar sinistro como um dobro de finados.

Depois era a glória, o orgulho do mais forte, certo de que pela sua valentia e pela sua destreza conquistara dignamente o coração da dama preferida, numa luta franca e leal.

Hoje a peleja é diferente.

Ciosa das suas liberdades, a mulher moderna aproxima-se audaciosamente do homem na convicção errada de que a sua experiencia da vida actual, lhe bastará para se defender e evitar assim os perigos... mais imprevistos, e no desfecho de uma situação crítica, o crime surge em tôda a sua hediondez cínica e silenciosa.

Porque «eles» matam... matam por amor, sem guardar, sequer, o remorso do seu crime, no orgulho estranho da publicidade feita em volta do seu nome de apaixonados, de estranguladores enlouquecidos pelo mais nobre sentimento do Universo, o Amor.

Estranha maneira de amar!

É por isto que as leras mais cínicas de tôda a criação, são... «racionais»!

(Foto e entrevista da Anglo-American Newspaper.)



— Tem a certeza de que essa inscrição merece o que vamos tentar? — perguntei a Morhange.

O capitão teve um sobressalto de alegria. Compreendi o receio em que ele vinha, desde a partida, de que eu o acompanhasse contra vontade. Desde que eu lhe dava ensejo de me convencer, os seus escrúpulos deixavam de existir e o seu triunfo parecia-lhe certo.

— Nunca — respondeu ele com voz que pretendia ser serena, mas em que transparecia o entusiasmo. Nunca se encontrou uma inscrição grega em tão baixa latitude. Os pontos afastados ficaram no sul da Argélia e da Cirenaica: Mas no Hoggar! É certo que esta é em caracteres tifinares, mas esta particularidade não lhe diminui o interesse, antes o aumenta.

— Na sua opinião, que quer dizer essa palavra?

— *Antinea* só é um substantivo próprio — disse Morhange. — Nome de quem? Não sei; e se agora vou caminhando para o sul, arrastando-o comigo, é porque conto ir obter informações. A etimologia não diz nada.

— Tenha sempre presente que o alfabeto tifinar está longe de corresponder ao alfabeto grego, o que multiplica as hipóteses. Quer ouvir algumas?

— Ia pedir-lho.

— Podemos mencionar em primeiro lugar *'dvi e vaúe* — a mulher que está à frente do navio, explicação que muito havia de agradar a Gaffarel e a meu venerando mestre Bertlioux. Poderia talvez aplicar-se às imagens esculpidas nas prôas dos navios. Isto tem um nome próprio, mas agora nem à pancada eu me lembraria d'êlo.

«Temos em seguida, *'avriña*, que deverá vir de *'avri e véa*, a que está diante do vaós, o vaós do templo, a que está em face do Santuário, isto é, a sacerdotisa. Interpretação que fazia os encantos de Girard e de Renan.

«Há também *'avlieda*, de *'avli e veós*, novo, que pode significar duas coisas: ou a que é o contrário de nova, isto é, a velha; ou as inimigas das coisas novas, ou a inimiga da mocidade.

ATLANTIDA

ROMANCE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

«Há ainda outro sentido de *'avli*, que é em troca de, e vem complicar estas possibilidades; e o verbo *'vé* tem quatro significações: *ir, deslizar, flar ou lecer, amontoar*. E há mais. É bem vê que não tenho à minha disposição, em cima da bossa, aliás confortável, d'êste dromedário, nem o dicionário de Estienne, nem os léxicos de Passow, do Papa ou de Liddel-Scott.

— O que eu lhe disse foi unicamente para lhe provar, meu caro amigo, que a epigrafia é ciência relativa, sempre subordinada à descoberta de um texto novo, que invalide os dados anteriores, quando não está à mercê dos caprichos dos epigrafistas e das suas concepções particulares do universo.

— Também me inclino para essa opinião — disse eu. — Mas como é que com todo êsse scepticismo acerca do objecto das suas investigações, o senhor não hesita correr perigos que podem ser muito grandes.

Morhange teve um pálido sorriso.

— Eu não ando a interpretar, meu amigo, ando a coligir. Do que lhe eu levar poderá Dom Granger, com o seu saber, tirar conclusões a que os meus fracos conhecimentos me não permitem chegar. Estive a brincar. Desculpe.

Neste momento a cilha de um dos camelos deu de si, e parte da carga veio a terra. Eg-Anteuem saltou ao chão e ajudou Bu-Djema a pôr tudo no seu lugar.

Quando nos puzemos outra vez a caminho, aproximei o meu dromedário do de Bu-Djema.

— É preciso apertar melhor as cilhas dos animais no próximo descanso. Teem que ir por montanhas.

O guia olhou para mim espantado. Eu ainda lhe não tinha dito nada da mudança de itinerário. Mas supunha que Eg-Anteuem o tivesse informado.

— Meu tenente, olhe que o caminho da planície branca até Shikh-alah não é montanhoso... — disse o Chaamba.

— Nós já não vamos para a planície branca. Vamos seguir para Sul pelo Hoggar.

— Pelo Hoggar — murmurou êle. — Mas...

— Mas o quê?

— Não sei o caminho.

— Guia-nos Eg-Anteuem.

— Eg-Anteuem?

Olhei para Bu-Djema que acabava de soltar esta surda exclamação. Olhava para o Targui com assombro e terror.

O camelo de Eg-Anteuem caminhava uns dez metros adiante, ao lado do Morhange. Os dois homens iam conversando, provavelmente nas famosas inscrições. Mas a distância não era tão grande que não pudessem ouvir o que dissessemos. Tornei a olhar para o guia. Estava lívido.

— Mas o que há, Bu-Djema, que há? — perguntei em voz baixa.

— Aqui não, meu tenente, aqui não — murmurou êle.

Batiam-lhe os dentes. E acrescentou como num sópro:

— Aqui não. A tarde no descanso, quando êle estiver voltado para o Oriente, a reza, no momento do sol se esconder. Chama então por mim, e eu te direi... Mas aqui não. Ele vai a falar, mas vai a escutar. Vai-tambora, vai ter com o capitão.

«E esta! dizia eu comigo, encailhando o pé no pescoço do dromedário para me ir juntar a Morhange.

Eram cinco horas da tarde quando Anteuem, que ia à frente, parou:

— É aqui, disse. E apeou-se.

O local era sinistramente belo. A esquerda erguia-se uma fantástica muralha de granito cuja crista cinzenta se recortava no céu vermelho. Esta muralha era cortada de alto a baixo, por um corredor sinuoso, talvez de mil pés de altura, tão estreito nalguns pontos, que mal poderiam nêles passar três camelos lado a lado.

— É aqui — repetiu o Targui.

Na nossa frente, para oeste à luz do sol poente, a pista que íamos deixar descurotava a sua fita pálida. A planície branca, o caminho de Shikh-alah, os descansos seguros, espoços conhecidos... E do outro lado, a muralha negra sobre o céu cor-de-malva, o corredor sombrio.

Olhei para Morhange.

— Paremos — disse êle simplesmente. — Acouselha Anteuem que façamos aqui grande provisão de água.

Decidimos passar ali a noite antes de nos internarmos na montanha. Havia perto uma fonte, cuja água caía em cascata para uma bacia funda; à volta algumas plantas e arbustos. Os camelos, com os pés presos, já estavam a pastar.

Bu-Djema punha os pratos e copos de estanho sobre uma grande pedra lisa: abria uma lata de conserva, e colocou-lhe ao lado, um prato de afluca que acabara de apanhar na borda da fonte. Pelos gestos bruscos com que êle ia dispondo êstes objectos sobre a rocha, bem via eu como era grande a sua inquietação.

Ao dar-me um prato, curvou-se para mim e apontou-me para o corredor tenebroso em que nos íamos meter.

— Blad-el-Khouf! — murmurou.

— Que diz êle? — perguntou Morhange, que lhe tinha surpreendido o gesto.

— Blad-el-Khouf! É a terra do medo! É assim que os árabes chamam ao Hoggar.

Bu-Djema foi sentar-se arredado e começou a comer as folhas de alface que tinha guardado para si.

Eg-Antenen estava imóvel.

De repente o Targui levantou-se. O sol, ao poente, era apenas uma bola vermelha. Vimos Eg-Antenen aproximar-se da fonte, estender no chão o albornoz azul e ajoelhar.

— Não criava que os tuaregues respeitassem tanto a tradição mussulmana — disse Morhange.

— Nem eu... — acrescentei pensativo.

Mas tinha mais que fazer, neste momento, que estar a admirar-me. Chamei por Bu-Djema. Absorvido na oração, voltado para o Oriente, Eg-Antenen não dava certamente por nada. Ia agora prostrar-se e eu, com voz mais forte, tornei a gritar:

— Bu-Djema, vem comigo onde está o dromedário; quero tirar uma coisa da algibeira da sela.

Lentamente, serenamente, sempre ajoelhado, Eg-Antenen continuava a rezar. Bu-Djema não se movera. Em resposta, só ouvi um gemido surdo. Eu e Morhange erguemo-nos logo e corremos para o guia. Eg-Antenen chegou ao mesmo tempo que nós.

Com os olhos fechados e as extremidades já frias, o Chaamba estertorava nos braços de Morhange. Agarrei-lhe uma das mãos e Eg-Antenen a outra. Cada um conforme podia, tentávamos adivinhar, compreender...

De súbito Eg-Antenen deu um pulo. Achara de ver a tigela que o árabe tinha, um minuto antes, entre os joelhos, e que agora jazia por terra, virada. Pegou nela, examinou rapidamente, uma a uma, as folhas de salada que restavam, e soltou uma exclamação gutural.

— Bem — murmurou Morhange — agora é este. Querem ver que endoideceu! Eg-Antenen correu para a pedra onde estava o nosso jantar; num momento estava outra vez ao pé de nós, com o prato de alface em que ainda não tínhamos tocado. Tirou então da tigela de Bu-Djema uma folha larga e carnuda, de um verde pálido, e pô-la ao lado de outra folha que tirára do nosso prato.

— Afahlehlé! — disse simplesmente.

Eu e Morhange trememos arripiados. Era então o afahlehlé, o faleziez dos árabes do Saará, a terrível planta que tinha morto, mais depressa e de modo mais certo que as armas dos Tuaregues, parte da missão Flatters.

Eg-Antenen estava de pé. A sua alta figura recortava-se no céu lilaz muito pálido. Estava a olhar para nós. E como tentássemos reanimar Bu-Djema, tornou a dizer:

— Afahlehlé!

Bu-Djema morreu no meio da noite sem recuperar os sentidos.

CAPÍTULO VII

NA TERRA DO MEDO

— É curioso — disse Morhange — como na nossa expedição, tão desprovida de incidentes, desde Uargla, começam agora a acumular-se peripécias.

Esta frase pronunciou êle quando se erguia, depois de ter estado um instante a rezar sobre a cova, trabalhosamente aberta, em que tínhamos enterrado o guia.

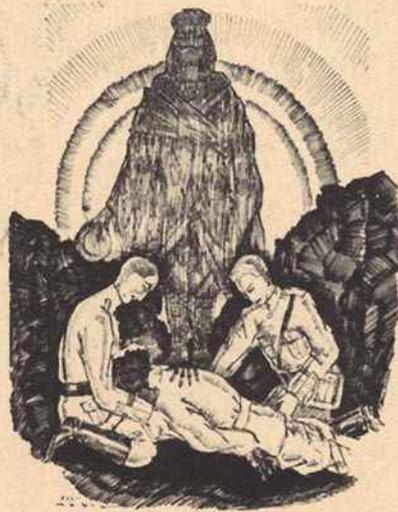
Não creio em Deus. Mas se alguma coisa pode influir, seja de mal ou de bem, da luz

ou das trevas, deve ser uma oração murmurada por um tal homem.

Durante dois dias caminávamos através de um caos gigantesco de rochas negras, numa paisagem que parecia lunar tal era a devastação do terreno. Não se ouvia senão o ruído das pedras que rolavam debaixo das patas dos camelos e iam cair no fundo dos abismos com grandes detonações.

Curiosa marcha, em verdade. Nas primeiras horas ainda tentei fazer a planta do itinerário, com a prancheta de bussola; mas logo se me baralhou tudo, talvez por eu me ter enganado na medida do passo dos camelos. Arrumei a bussola. Daí por diante ficávamos nas mãos de Eg-Antenen, sem verificação possível. Outra coisa não podíamos que entregarmo-nos a êle.

Ele ia adiante, seguia-se Morhange; e eu



fechava a marcha. Apareciam os mais curiosos tipos de rochas eruptivas. Mas essas coisas já me não interessavam. Outra curiosidade se apoderara de mim: a loucura de Morhange tinha-se-me comunicado. Se o meu companheiro me viesse dizer: «Voltemos para trás, que isto é uma doideira», eu responderia: «Faça o que quiser. Eu continuo».

Na tarde do segundo dia, encontrámo-nos ao pé de uma montanha negra, cujos contrafortes denteados se erguiam dois mil pés acima das nossas cabeças. Era um enorme forte tenebroso com ângulos de torção da Idade Média, que se desenhava cruamente na luz alaranjada do céu.

Havia ali um poço, e algumas árvores, as primeiras que encontrávamos desde que nos tínhamos internado no Hoggar. A roda do poço estava um grupo de homens. Os camelos, com os pés presos, procuravam umas ervas problemáticas.

Ao verem-nos, os homens apertaram-se inquietos, prontos a defenderem-se. Eg-Antenen voltou-se para nós e disse:

— Tuaregues Eggali.

E caminhou para êles.

Eram belos homens, aqueles Eggali, os maiores Tuaregues que eu ainda tinha encontrado. Afastaram-se do poço com inesperada prontidão, para nos servirmos. Eg-Antenen disse-lhes qualquer coisa. Puzeram-se a olhar para mim e para Morhange, com curiosidade amedrontada, mas respeitosa.

Espantado de tal discreção, vi o chefe recusar as prendas que eu tinha tirado das algibeiras da sela para lhe oferecer. Parecia que até o meu olhar lhe metia medo.

Quando se foram embora, manifestei a Eg-Antenen a admiração que me produzia aquela reserva, a que as minhas relações com os povos do Saará me não tinham habituado.

— Falaram-te com respeito e até com medo — lhe disse eu. — No entanto a tribo dos Eggali é nobre. E a dos Bel-Tamat, a que tu me disseste que pertencias, é uma tribo serva.

Um sorriso passou pelos olhos sombrios de Eg-Antenen.

— É verdade — disse.

— E então.

— É que eu disse-lhes que ia contigo e com o capitão Morhange para o Monte dos Génios.

E apontou para a montanha negra.

— Tiveram medo. Todos os Tuaregues do Hoggar tem medo do Monte dos Génios. Bem viste como êstes desataram a fugir só de o ouvir nomear.

— E é então para lá que vamos? — perguntou Morhange.

— É — respondeu o Targui. — É af que estão as inscrições de que te falei.

— Não nos tinhas informado dêsse pormenor.

— Para quê? Todos os Tuaregues tem medo dos *Ihinen*, os génios com cabeça de toiro, que tem rabo e pêlo e fazem morrer os animais e adornar os homens num sono cataléptico. Mas eu sei que os Rumis os não temem e que se riem dêstes medos dos Tuaregues.

— E tu, que és Targui, não tens medo dos *Ihinen*?

Eg-Antenen apontou para um saquinho de couro vermelho que trazia pendurado ao peito e um cordão de contas brancas:

— Trago o meu amuleto que foi benzido pelo próprio Sidi-Mussa. E depois, vou com os senhores. Salvaram-me a vida. Querem ver as inscrições. Seja feita a vontade de Allah!

Accorron-se, tirou da algibeira o grande cachimbo de cana com bôca de cobre e, gravemente, pôs-se a fumar.

— Isto vai-me parecendo muito estranho — murmurou Morhange, que se aproximára de mim.

— Não exageremos — respondi. — Lembra-se tão bem como eu da passagem em que Barth conta a sua excursão ao *Ihinen* que é o Monte dos Génios dos Tuarez *Azджер*. Tão má fama tinha o sítio, que nenhum Targui quiz acompanhá-lo. E êle voltou.

— Voltou sim, mas principiou por se perder. Esteve quasi a morrer de fome e de sede e teve de abrir uma veia para beber o seu próprio sangue. Esta perspectiva não é nada atraente.

Encolli os ombros: Se ali estávamos, a culpa não era minha.

Morhange compreendeu o movimento e reconheceu que lhe cumpria desculpar-se.

— De resto tenho certa curiosidade — continuei com alegria um pouco forçada — em me relacionar com êstes génios e verificar as informações de Pomponio Mela, que os conheceu, e os situa, de facto nos Montes Tuaregues. Chama-lhes *Egípans*, *Blémios*, *Ganfasantas*, *Sátiros*... «Os Ganfasantas, diz

êle, andam nós, os Blémios não tem cabeça e tem o rosto no peito; os Sátiros, de homem, só tem a cara. Os Egípcios são como ordinariamente se descrevem». Sátiros, Egípcios... sempre é muito extraordinário ver estes nomes gregos applicados aos espíritos bárbaros destes sitios! Pode crer que vamos numa pista curiosa. Tenho a certeza que Antinea vai ser a chave de descobertas muito originaes.

— Chit, — lhe disse eu, pondo um dedo na boca. — Ouça. Na noite que caía a passos largos, ouviam-se ruídos estranhos mesmo ao pé de nós. Eram estoiros, seguidos de gemidos longos e afflitivos, que iam repercutir-se infinitas vezes nas ravinas próximas. Parecia que toda a montanha se tinha posto a chorar.

Olhámos para Eg-Antenen. Continuava a fumar sem se mexer.

— São os *Ihinen* que acordam — disse.

Morhange escutava em silêncio. Decerto comprehendia tão bem como eu: as rochas tinham sido brazas durante o dia, estavam a arrefecer, e a diferença de temperatura fazia-as estalar. Fenómenos físicos... a estátua de Mémnon... Mas a explicação não diminuía a impressão penosa que tão imprevisto concerto estava exercendo em nossos nervos sobre excitados.

Veiu-me à memória a última frase do pobre Bu-Djema:

— A terra do medo! — murmurou em voz baixa.

E Morhange repetiu:

— A terra do medo!

Parou o singular concerto quando as primeiras estrélas começaram a luzir. Com infinita emoção, viu-as acenderem-se uma a uma, as pequeninas chamas de azul pálido. Nêsse trágico instante, eram elas o único traço de união, entre nós, os isolados, os condemnados, os perdidos e os nossos irmãos das latitudes superiores, que àquella mesma hora, nas cidades onde surge de repente a alvorada dos globos electricos, se precipitam com fúria delirante, em seus mesquinhos prazeres.

*Chét-Ahadh esa hettisenet
Mâteredjare d-Erredjeâot,
Mâteseksek d-Essekâot,
Mâtelahlâhr d'Ellerhâot,
Ellâs djenen, barâd ti-ennit abâtel.*

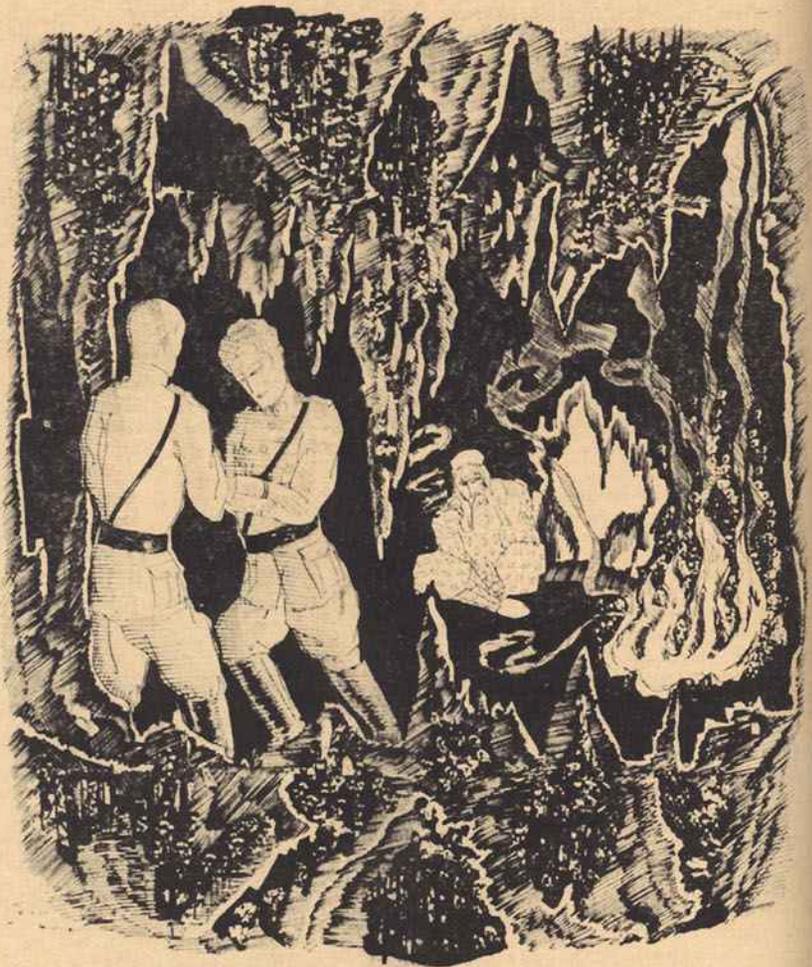
Era a voz lenta e guttural de Eg-Antenen que acabava de se elevar e ressonava com magestade grave e triste no silêncio absoluto.

Toquei num braço do Targui. Com um gesto da cabeça, êle mostrou-me no firmamento uma constelação trémula.

— As Pléides, murmurei eu a Morhange, mostrando-lhe as sete pálidas estrélas enquanto Eg-Antenen repetia com a mesma voz monótona, a lúgubre canção:

*As filhas da Noite são sete:
Mâteredjre e Erredjeâot,
Mâteseksek e Essekâot,
Mâtelahlâhr e Ellerhâot,
A sétima é um rapaz que perdeu um olho.*

Apoderou-se de mim um súbito mal-estar. Agarrei no braço do Targui quando êle pela terceira vez ia psalmodiar a cantiga.



— Quando chegaremos afinal à gruta das inscrições? — perguntei-lhe brutalmente.

Êle olhou para mim e respondeu com a sua placidez habitual:

— Já chegámos.

— Já chegámos? Que esperas então para no-la mostrares?

— Que o peçam — respondeu êle com certa arrogância.

Morhange tinha-se posto em pé:

— A gruta é aqui?

— É aqui — respondeu pausadamente Eg-Antenen.

— Leva-nos lá.

— Morhange — disse eu, com súbita inquietação. — Está a cair a noite. Não veremos nada lá dentro. E talvez ainda seja longe.

— Daqui a quinhentos passos apenas — replicou Eg-Antenen. A gruta está cheia de ervas secas. Deita-se-lhe fogo e vê-se como de dia.

— Vamos — repetiu o meu companheiro.

— E os dromedários? — disse eu numa última tentativa.

— Tem os pés presos — disse Eg-Antenen — e nós não nos demoramos.

E ao dizer isto, já se tinha posto a caminho da montanha negra. Morhange, seguiu-o, nervoso que fazia medo; e eu seguí-o também, entregue desde êsse instante a um triste presentimento. Latejavam-me as fontes. «Não tenho medo, dizia eu para mim: juro que não é medo».

Não, não era medo. Mas era uma estranha vertigem. Tinha uma venda nos olhos, zumbiam-me os ouvidos. Ouví outra vez a voz de Eg-Antenen, mas multiplicada, imensa, e todavia surda, surda:

As filhas da Noite são sete.

E parecia-me que as vozes da montanha lhe faziam eco, repetindo até ao infinito o sinistro verso final:

O sétimo é um rapaz que perdeu um olho.

— É aqui — disse o Targui.

Havia um buraco negro na parede. Eg-Antenen baixou-se e entrou. Fomos atrás dêle. A escuridão era completa. Surgiu uma chama amarela. Eg-Antenen tinha riscado lume. Deitou fogo a um monte de ervas à entrada. A princípio nada podíamos ver. Cegava-nos o fumo. Eg-Antenen ficara ao lado do buraco. Tinha-se sentado e, mais sereno que nunca, tinha recommençado a tirar do cachimbo longas fumaças cinzentas.

Das ervas abrazadas saía agora uma luz crepitante. Entrevi Morhange. Pareceu-me extraordinariamente pálido. Encostado com ambas as mãos à parede, tentava decifrar uma confusão de sinais que eu mal entrevia. Mas creio que lhe vi as mãos a tremer.

(Continúa).



Passatempo

VINTE E CINCO CABEÇAS

(Paciência)



Nas vinte e cinco casas do quadrado aqui junto, estão colocadas vinte e cinco cabeças de animais, sendo do mesmo animal as cinco de cada fila horizontal. Trata-se de baralhá-las e de dispô-las, em seguida, por forma que, nem nas filas horizontais, nem nas colunas verticais, nem nas duas diagonais, apareça repetida a cabeça do mesmo animal.

■ ■

ORAÇÃO DE UM GATUNO

Um amigo da boa vida e de a passar à custa alheia reduziu as suas orações do levantar e do deitar às poucas e substanciosas palavras seguintes:

— Meu Deus, não vos peço que me deis riquezas; dizei-me só onde elas estão, que eu as irei buscar. Amen.

■ ■

O *maire* de uma pequena cidade de França, no tempo da monarquia, encarregado pela sua comuna de cumprimentar o rei na sua passagem, e apresentar-lhe as chaves, como a etiqueta exigia, começou dizendo: — Senhor, a alegria que nós sentimos ao ver a Vossa Magestade é tão grande que...

Não ponde continuar; o pobre homem suava por todos os poros da pele; e, no meio da sua atrapalhão, recorrendo baldadamente à memória para ver se lhe sugeria o fio do decorado *speech*, repetiu gaguejando as palavras que havia pronunciado, e de novo estacon.

— Sim, diz-lhe o príncipe, cheio de bondade, já quando o auditório começava a dar mostras de mal dissimulado riso, a alegria que sentis é tão grande, que a não podeis exprimir.

O professor: — Então, Rogério, o que estás fazendo? Estás aprendendo alguma coisa?

O discípulo: — Não, senhor. Estou ouvindo o sr. professor.

ILUSÃO ÓPTICA



De que pé se está servindo este jogador de *foot-ball*? Do direito ou do esquerdo?... Vejam os leitores se são capazes de o perceber.

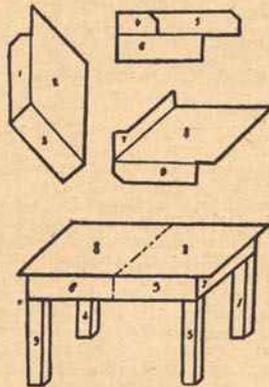
■ ■

CRIADO DISCRETO

- Manuel?
- Minha senhora!
- A que horas entrou o menino Augusto esta noite?
- Eram duas e meia da madrugada.
- Ah! e não disse nada?...
- Perdão, minha senhora, disse-me que, se V. Ex.^a me perguntasse a que horas ele veio, eu respondesse que tinha vindo à meia noite!

QUEBRA-CABEÇAS

(Solução)



■ ■

N'um *restaurant*:

O *freguez* (*farto de esperar*): — Suponho que hei-de aqui ficar sentado até morrer de fome?

O *criado*: — Tanto não direi. Fechamos a porta à meia noite.



GUIDA (*mostrando à visita o retrato da primeira mulher de seu pai*): — Esta é a minha mamã mais velha.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM DEZEMBRO DE 1927

LITTERATURA

ALVARENGA (KOL DE) — *O Douro em brasas*. — 165 p. 8.^o — 15\$00.
 — capa il. por Francisco da Silva Tenório.
 AMORIM DE CARVALHO (JOSÉ CALDAS) — *Bárbaros* — Sonetos, 53 p.
 BASTO (CLAUDIO) — *A Linguagem de Camillo* 354 p. 8.^o — 15\$00.
 BIANCHINI (HELENA) — *O Despertar de Rosa Maria* — Prefácio de Norberto de Araújo. — 268 p. 8.^o — 10\$00.
 BOTTO (ANTÓNIO) — *Olympiadas* — Canções. — 32 p.
 BRITO CAMACHO — *Gente rústica* — 2.^a edição. 244 p. 8.^o — 10\$00.
 BRITO CÂMARA (JOÃO DE) — *Manhã*. — Prefácio de João Cabral do Nascimento. — 88 p. — 7\$50.
 CÂMARA (MANUEL DA) — *A Morgadinha do Valongo* — Novela. — 131 p. 8.^o
 CASCALHEIRA (GREGÓRIO) — *O Palácio da ventura*. — 81 p. 8.^o — 5\$00.
 CATÁ (A. HERNANDEZ) — *O Bebedor de lágrimas*. — Romance da actualidade. Tradução de Raul Proença. — 307 p. 8.^o e. capa il. — 10\$00.
 CORDOVA (ALEXANDRE DE) — *Rosas de Mulherbe* — Versos. — Com um prefácio de Júlio Brandão. — 106 p. 8.^o — 7\$50.
 FOSSICA (ALBERTO DENIS DA) — *O Sonho do Condesdével*. — (*Lever de rideau*). — 20 p.
 FRIAS DE MATOS (LUDOVINA) — *Para além da morte*. — Sonetos — 2.^a edição. — 61 p. — 5\$00.
 GIL (AUGUSTO) — *Versos*. — 3.^a edição. — 141 p. 8.^o — 7\$00.
 IGNEZ — *Tu... e Eu*. — 56 p.
 INSCA (ALBERTO) — *O inimigo do matrimónio*. — Romance da actualidade. Trad. de Aurora Jardim Araújo. — 320 p. 8.^o e. capa il. — 10\$00.
 LEMOS (A. ANTÓNIO DE) — *Auto da felicidade*. — 66 p. — 10\$00.
 LÉONNEC (FÉLIX) — *Perdidos no deserto*. — Romance de aventuras. — Trad. de António P. Neves Ferreira. — 128 p. 8.^o e. capa il. — 3\$00.
 LOPES (CARLOS M.) — *O Triunfo*. — Novela. — 83 p.
 MACHADO (A. VÍCTOR) — *Escravidados* — Drama social em 3 actos e 6 quadros. — 57 p. — 4\$00.
 MARQUES JÚNIOR (HENRIQUE) — *A princesa pede de burro e outros contos*. (Colecção Manecas). 60 p. 8.^o e. capa il. por Carlos Ribeiro.
 MENEZES FERREIRA — *A luz do lampadário*. — Versos e desenhos do autor. — 16 p. e. grav. — 2\$50.
 MIGUEL (SIDÓNIO) — *Sonetos* — 124 p. 8.^o — 12\$00.
 MOURA (MANUEL DE) — *Violas de arame* — Rimas simples. — 52 p.
 NEMÉSIO (VITORINO) — *Varanda de Pilatos* — Romance. — 254 p. 8.^o e. capa il. — 10\$00.
 OLIVEIRA (HÉLIO DE) — *Papá* — *Natal na nossa terra*. — (Histórias maravilhosas das suas viagens em Portugal). 83 p. — 5\$00.
 OLIVEIRA SAN BENTO — *O Velho do Restelo* — 124 p. 8.^o — 10\$00.
 PEIXOTO (MARIA DO CARMO) — *Histórias pequeninas*. — Ilustrações de Maria Adelaide Lima Cruz. — 119 p. 8.^o e. capa il. — 7\$50.
 PESSANHA (HENRIQUE A.) — *Das festas dos mercados ao sport da conquista à flor*. — 223 p. 8.^o e. capa il. — 12\$50.
 SALGARI (EMÍLIO) — *As pólas Austrais em velocidade*. — Romance de aventuras. — Trad. de Vasco Marques. — 110 p. 8.^o e. capa il. — 4\$00.

SALGARI (EMÍLIO) — *O Deserto de neve*. — Romance de aventuras. — Trad. de Vasco Marques. — 118 p. 8.^o e. capa il. — 4\$00.
 SALGARI (EMÍLIO) — *A Filóla de Lepanto*. — Romance de aventuras. Versão do italiano pelo Dr. Carlos José de Menezes. — 135 p. 8.^o e. capa il. — 4\$00.
 SANTOS (EDUARDO DOS) (EDURIZA) — *Leurdes* (A propósito da peça de Alfredo Cortez.) — Desenhos de D. Fnas. Armando Bonventura e Cruz Caldas. — 2.^a edição. 32 p. e. grav.
 SILVA GUIMARÃES (ARTUR) — *Sem arte*. — Versos — 37 p. — 5\$00.
 SOUSA COSTA (EMÍLIA DE) — *Contos do Joãozinho*. — 2.^a edição. Ilustrações de Raquel Roque Gameiro Ottolini. — (Biblioteca dos Pequenos). N.^o 1) 81 p. e. grav. e capa il. — 5\$00.
 SOUSA COSTA (EMÍLIA DE) — *O peru aviador*. — Ilustrações de Raquel Roque Gameiro Ottolini. (Biblioteca dos Pequenos) — 88 p. e. grav.
 VERDADES (JOÃO) — *Um grande complot internacional* — Romance trepidante. — 300 p. 8.^o e. capa il. — 10\$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

AMZALAK (MOSES BENSABAT) — *Uma interpretação da assinatura de Cristóvão Colombo*. — 23 p.
 FERREIRA PEDRO (AVELINO) — *Terras de Leiria*. — 82 p. e. um mapa. — 5\$00.
 FERREIRA DE SERPA (ANTÓNIO) — *Dom Frei Alexandre da Sagrada Família, bispo de Malaca e de Angra, bispo eleito do Congo e Angola, governador d'esse Bispado, ilo e professor de Garrell*. — Notas e documentos. — 48 p. e. o retr. do biografado e um brazão de armas.
 LOUREIRO (HENRIQUE) — *O Político do Convento de Santo Eloi*. — Desenvolvimento duma conferência feita na Associação dos Arqueólogos Portugueses. — 152 p. 8.^o s. grav. — 25\$00.
 MONTALVÃO MACHADO (JÚLIO DE) — *P'ra cá do Marão*. — (Manchas regionais) — O Arcebispo de Barros. — 123 p. 8.^o e. grav. e capa il.
 PAIVA (JERÓNIMO M. S.) — *Do alto Alentejo*. — Descritivos, figuras e factos de há 30 anos. — 118 p. 8.^o e. o retr. do A. na capa. — 10\$00.
 PÉLICO, FILHO (SILVIO) — *Curso de geografia comercial, vias de comunicação e transportes* — II — 416 p. 8.^o e. mapas. — 15\$00.
 SOUSA E SILVA (PEDRO AUGUSTO DE) — *Distrito de Tele (Alta Zambézia)* — Características, história, fomento. Prefácio do sr. Conde de Penha Garcia. — 188 p. e. grav. e mapas. — 22\$00.

CIÊNCIAS E ARTES

CARVALHO (JOAQUIM DE) — *Desenvolvimento da filosofia em Portugal durante a idade média*. — 27 p.
 CARVALHO (JORGE LEOPOLDO DE) — *Novo método de estenografia portuguesa ou Sciéncia que tem por fim escrever tão depressa como se fala a língua lusitana*. — 71 p.
 MENDES BARATA (ANTÓNIO) — *Motores de explosão* — (Combustão interna). 4.^a edição. — Biblioteca de Instrução Profissional, fundada por Tomás Bordalo Pinheiro. — 448 p. 8.^o e. grav. — 20\$00.
 MIRANDA (RAÚL DE) — *O Ensino prático de paleontologia*. — 18 p.
 MORENO (MATEUS) — *A nova guerra e a artilharia*. — Com um estudo sobre a missão, em

prégo e organização modernas de artilharia de campo de batalha, pelo tenente-coronel J. J. Ferreira da Silva. — 7\$50.
 MÜLLER (J. P.) — *O meu sistema*. — Tradução livre de Ardisson Ferreira. — 11.^a edição. — 124 p. 8.^o e. grav.
 SANTANA RODRIGUES — *A Instrução pública em Gôa*. — (Ensaio de um plano de reforma). — 39 p. — 5\$00.
 SANTANA RODRIGUES — *Le Talonage — Ses desins et leur interprétation*.
 SANTOS SEGURADO (JOÃO EMÍLIO DOS) — *Elementos de metalurgia*. — (Biblioteca de Instrução Profissional, fundada por Tomás Bordalo Pinheiro). — 422 p. 8.^o e. grav., 20\$00.
 SARMENTO DE BEIRES (RODRIGO) — *A origem das equações fundamentais da teoria electrónica*. — 68 p.
 SEQUEIRA OLIVA JÚNIOR (LUIZ DE) — *O chaut-fear hábil* (Biblioteca de Ensino Técnico (sem professor)). — 263 p. 8.^o e. capa il.
 SILVA CORRÊA (JOÃO DA) — *A Psicologia feminina na literatura francesa medieval*. — 22 p.
 VIEIRA DE ALMEIDA (F. L.) — *Opúscula Filosófica*. I — Introdução à filosofia medieval.
 VIEIRA DE ALMEIDA (F. L.) — *La Tranchée de Chestov* — (Opuscula crítica, I) — 48 p.

SCIÊNCIAS CIVIS

MORAIS (SILVESTRE DE) — *Parlamentarismo* — Breves apontamentos. — 37 p.
 MORAIS E CASTRO (ARMANDO A. G. DE) — *As Colónias portuguesas e alguns dos principais problemas que as interessam*. — 210 p. 8.^o
 PITA (PEDRO) — *Na vida do fóro*. — (Escritos jurídicos). — 320 p. 8.^o — 20\$00.
 PORTELA (ÁRTUR) e NORBERTO LOPES — *O crime de Augusto Gomes*. — 237 p. 8.^o — 7\$50.
 RATES (J. CARLOS) — *Democracias e ditaduras*. — 78 p.
 SEQUEIRA (JOAQUIM JOSÉ DE) — *Selecta comercial para uso dos estudantes de português dos cursos comerciais e industriais*. — 136 p. 8.^o — 7\$50.
 SILVA (VALENTIM DA) — *O Fascismo*. — (Política da Itália). — 46 p.

RELIGIÕES

FERREIRA (JOÃO MARIA) — *Os meus livros de orações*. I — 47 p. e. um apêndice de XXX p. e capa il. por Machado. — 5\$00.
Hinos de guerra e de glória. — 1.^a edição. — 60 p. — 2\$00.

BELAS ARTES

FAZENDA (PEDRO) — *A Ourivesaria portuguesa contemporânea e os metais e pedras preciosas*. — 222 p. 8.^o e. est. em folhas intercaladas, e c. o retr. do A. — 50\$00.
 FERREIRA LIMA (HENRIQUE DE CAMPOS) — *Colecções de estampas*. — Apontamentos iconográficos. — 14 p.

POLIGRAFIA

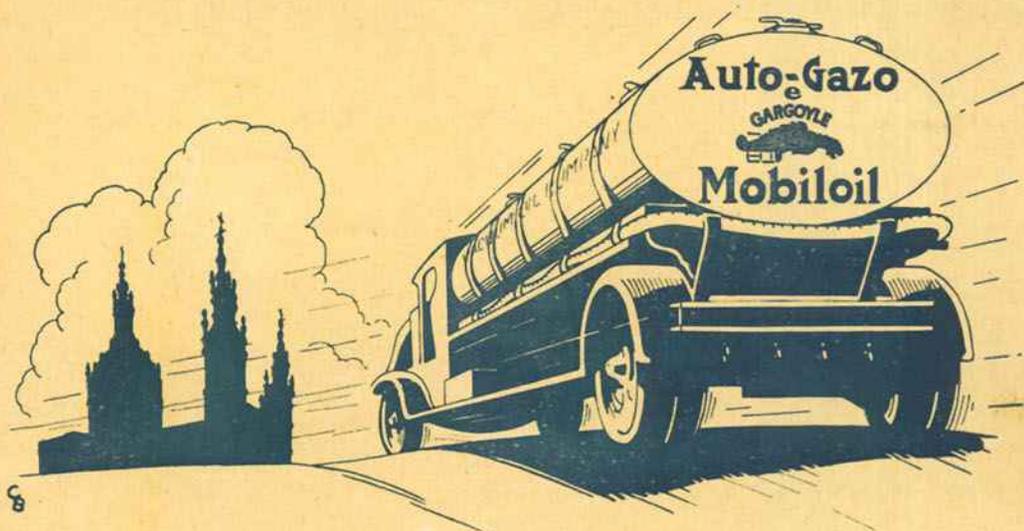
Almanaque do «Jornal de Notícias». — Coordenado por Alvaro Machado, para 1928. — 288 p. 8.^o e. grav.
História da arte. — (Enciclopédia pela Imagem) — 64 p. 8.^o e. grav. — 3\$50.

As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL		49\$00	96\$00	BRASIL	52\$00	102\$00
Registados		53\$80	105\$60	Registados	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO	63\$00	124\$00
Registados		57\$80	113\$60	Registados	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 4\$00



Este gigantesco Auto-Tanque

***é um dos muitos que distribuem
a nossa conhecida Gazolina***

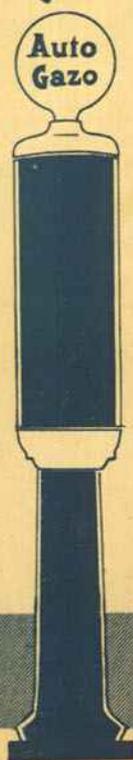
Eles são já bem conhecidos na cidade e arredores,
sempre na sua faina diaria. Certifique-se que emprega

Auto-Gazo

no seu carro, comprando sempre nas nossas bombas
e assim poupará

**O SEU MOTOR E
O SEU DINHEIRO**

Vacuum Oil Company



VOGUA



Emmerico

**SEMANARIO ILUSTRADO
DA MULHER PORTUGUEZA
EDIÇÃO DA CASA AILLAUD & BERTRAND**

CADA NÚMERO (AVULSO) Esc. 1\$50